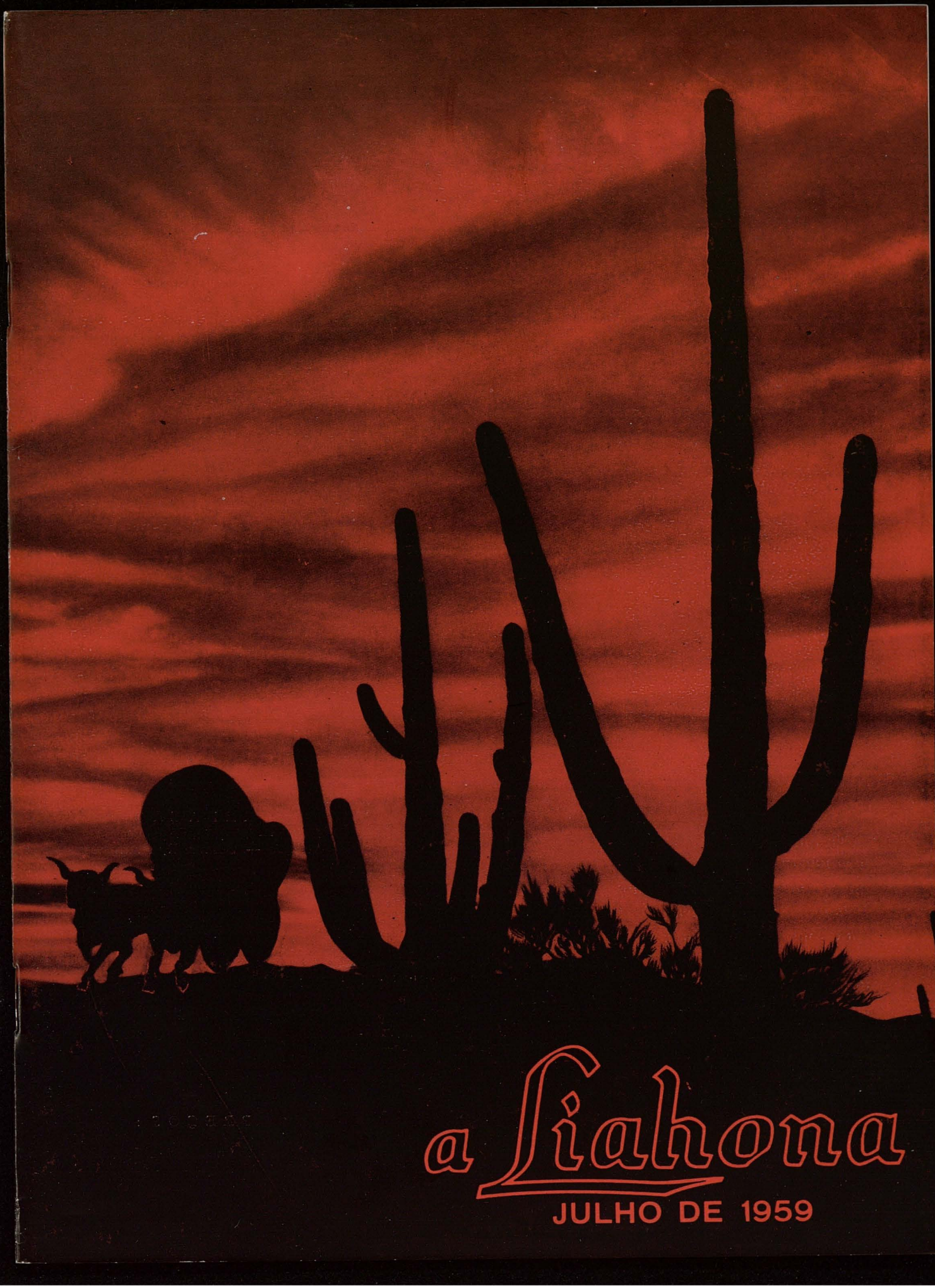


a Liahona

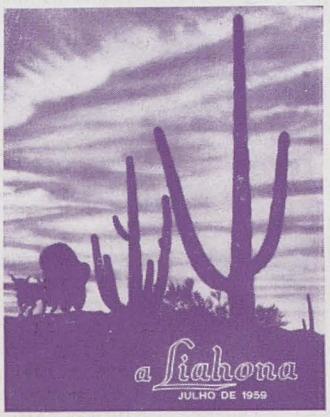
JULHO DE 1959

a Liahona

JULHO DE 1959
VOL. XVI — N.º 7

Órgão Oficial DA MISSÃO BRASILEIRA DA IGREJA DE JESÚS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

a capa



OS PIONEIROS

No dia 24 de julho de 1847, a primeira caravana de Mormons entrou no Vale do Lago Salgado. Viajando em carrocões cobertos, os Santos atravessaram um continente a fim de encontrar um lar seguro e cheio de paz. Essa data tem sido, desde então, comemorada pelos membros da Igreja em tôdas as partes do mundo e, é assim que dedicamos a edição dêste mês aos pioneiros de 1847.

EDITORIAL

Permanecei na Liberdade com que Fôstes Libertados 195

DE INTERÊSSE GERAL

Sua Dúvida 197
Ensinar a Primária... Eu?! 198
Jesus Retorna A Jerusalém 200
Sociedade de Socorro — Uma Ajuda ao Sacerdócio 204
Perpetuando o Propósito do Lar 222

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento 196
A Igreja no Mundo 196
A EPOPÉIA DO MORMONISMO 207
Sacerdócio da Missão 226
Lição para os Mestres Visitantes do Ramo 227
Seu Ramo 228
Ramo de Santos — Especial 229
Reminiscências — Casa da Missão 230

REDAÇÃO
Editor — WM. GRANT BANGERTER
Redação — DONALD R. HARTSFIELD

DIRETOR GERENTE:
Clarel Mafra dos Santos
Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrícula de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1939.

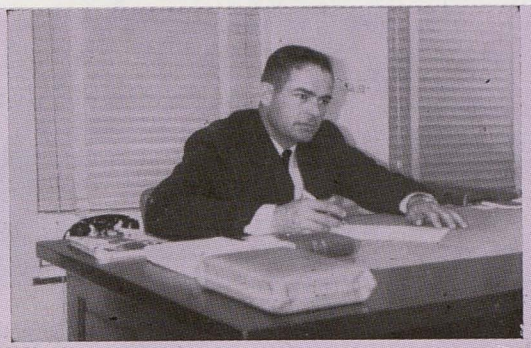
MISSÃO BRASILEIRA
R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal, 862
São Paulo, E. S. P. — Fone, 33-6761

PREÇOS:
Exterior: Ano ..... US$3.50
No Brasil: Ano ..... Cr$ 100,00
Exemplar: ..... Cr$ 10,00

EDITORIAL

"Permanecei Na Liberdade Com Que Fôsteis Libertado"

Presidente Wm. G. Bangerter



NOS Estados Unidos o mês de julho tem sido visto, há muito tempo, como época de se pensar a respeito da liberdade. Isso tem significação também para as demais nações da América, uma vez que o advento da independência na América do Norte foi o sinal que conduziu à libertação de tôdas as nações do continente americano. Na Igreja Restaurada o mês de julho tem ainda outro significado, por ser o mês em que os santos chegaram ao seu longínqüo lar no deserto, no ano de 1847, com o propósito de estabelecer sua modalidade de vida num ambiente onde a liberdade de viver e adorar de acôrdo com as revelações de Deus, se tornassem uma realidade.

Vale a pena, nos dias que correm, e particularmente no mês de julho, refletir sôbre os dons de liberdade que desfrutamos, e lembrar o preço pelo qual foram comprados. Nossa liberdade política foi alcançada mediante o sacrifício das vidas de inúmeros homens e mulheres de valor. A preservação dos princípios de liberdade também requererá um preço de nós — para viver sob um sistema de liberdade, homens e mulheres de tôdas as idades deverão continuar a reconstruir seus ideais e a lutar pelo que sabem ser verdadeiro e justo.

Muitos lutam por alcançar certa medida de independência econômica, a fim de que não sejam oprimidos por dívidas e pobreza durante o período de suas vidas. Para vencer essa batalha, não é menos necessário viver segundo princípios verdadeiros, que incluem as palavras: honestidade, frugalidade e sacrifício de objetivos secundários para um melhor estado futuro.

O princípio de liberdade é ainda mais caro ao coração de todo verdadeiro Santo dos Últimos Dias. Êle sabe que nas verdades restauradas do Evangelho Eterno tem a maior de tôdas as promessas de liberdade, pois como disse João: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". No Reino de Deus procuramos muitos tipos diferentes de liberdade. Buscamos nos libertar do pecado para que possamos fugir da servidão aos poderes do mal. Guardando os mandamentos do Senhor tornamo-nos livres de nossa própria consciência e só assim podemos ganhar paz de espírito. Entre as maiores promessas do Senhor aos Seus filhos está a de um estado de liberdade no Milênio, no qual os homens poderão viver livres de todos os males e circunstâncias adversas da vida e onde poderemos ser feitos um povo livre, estabelecido pelo poder do Pai. Mas até essa mesma liberdade requer sacrifício de nós. A liberdade do Reino de Deus tem exigido que muitos deixem pai, mãe, família e posição social, pela esperança das bênçãos maiores que, compreendemos, são uma parte do Reino de Deus. Muitas delas não virão nesta vida, mas serão reservadas para o futuro eterno. O exemplo dos grande pioneiros dos tempos passados deveria nos trazer sempre à mente que a "Pérola de Grande Valor", pela qual lutamos, vale qualquer sacrifício, até mesmo o de tôdas nossas posses se, no final, formos capazes de alcançar o prometido dom de eterna liberdade.

Jóias do Pensamento



Convite à Vida Eterna

(Condensado de um discurso feito por Elder G. Smith, Patriarca da Igreja, na conferência geral de abril de 1956).

O Senhor está, constantemente, facilitando os meios de ser ir ao Seu encontro. Êle estabeleceu Sua Igreja com a autoridade divina de ensinar e administrar Suas ordenanças. Organizou o sistema missionário a fim de ensinar e procurar os que desejam aceitar Seu convite à vida eterna.

Os que aceitam Seu convite são realmente abençoados. É uma verdadeira satisfação ver a alegria expressa pelos conversos; muitos contam, através de lágrimas de alegria, quão maravilhoso o terem sido privilegiados com o recebimento do evangelho. Alguns relatam a alegria que tiveram ao entrarem nas águas do batismo, alegria essa que chega ao ápice quando êles têm a oportunidade de entrar nos templos e gozar as bênçãos de suas ordenanças.

O Senhor acaba de edificar mais templos para facilitar aos homens o aceite do Seu convite. Não sòmente torna mais fácil para nós, mas também deixa sem desculpa mais povos da terra.

E ai daquele a quem é ensinado o evangelho e oferecidas essas oportunidades e não faz uso das bênçãos do Senhor. Isto pode ser também uma admoestação clara àqueles a quem é dada a oportunidade de sair a pregar o evangelho e não faz uso dessa chance. Êsses também, certamente, privar-se-ão de grandes bênçãos. Os missionários estrangeiros não são os únicos que têm o privilégio de ensinar o evangelho, pois é nosso privilégio ensiná-lo através de nossas próprias vidas, tanto quanto aquêles que são chamados para missões locais.

O convite para receber vida eterna requer mais do que a simples aceitação do batismo. Quando recebemos o Espírito Santo que nos revela a verdade, é nossa responsabilidade extender Seu convite a outros. Êste é um caso típico de quanto mais se dá mais se recebe. ■



• **O Crescimento da Igreja na Califórnia mostrado pela Formação de Estacas** — A criação de quatro novas estacas durante as três semanas passadas é uma grande evidência do crescimento da Igreja na região meridional da Califórnia.

Há três semanas atrás foi criada a Estaca de Huntington Park, e na semana seguinte foi formada a Estaca de Whittier. No último domingo surgiram as Estacas de Torrance e West Covina.

Isto faz um total de 29 estacas no sul da Califórnia e, uma outra estaca, Yuma, está dividida em distritos nas terras do sul.

Estima-se o número de membros daquela região em 157.000.

• **Índios se encontram em BYU** — Vindos de tôdas as partes da nação, delegações índias se encontraram nos pátios da Universidade de Brigham Young (BYU) para o Terceiro Conselho Anual da Juventude Índia. Danças ricamente coloridas foram uma parte do programa apresentado por 300 estudantes índios de 31 tribos de 18 estados. O climax dos três dias de encontro será quando oito diferentes tribos apresentarem 25 danças num programa que terá lugar à noite no estadium da BYU. As danças estão sendo reunidas por Anthony Purley, denodado dançarino de arco de Laguna. A Tribo de Muitas Penas de BYU tem sido a principal do acontecimento anual. A Associação de Proteção aos Índios do Sudoeste está sendo a supervisora da convenção anual.

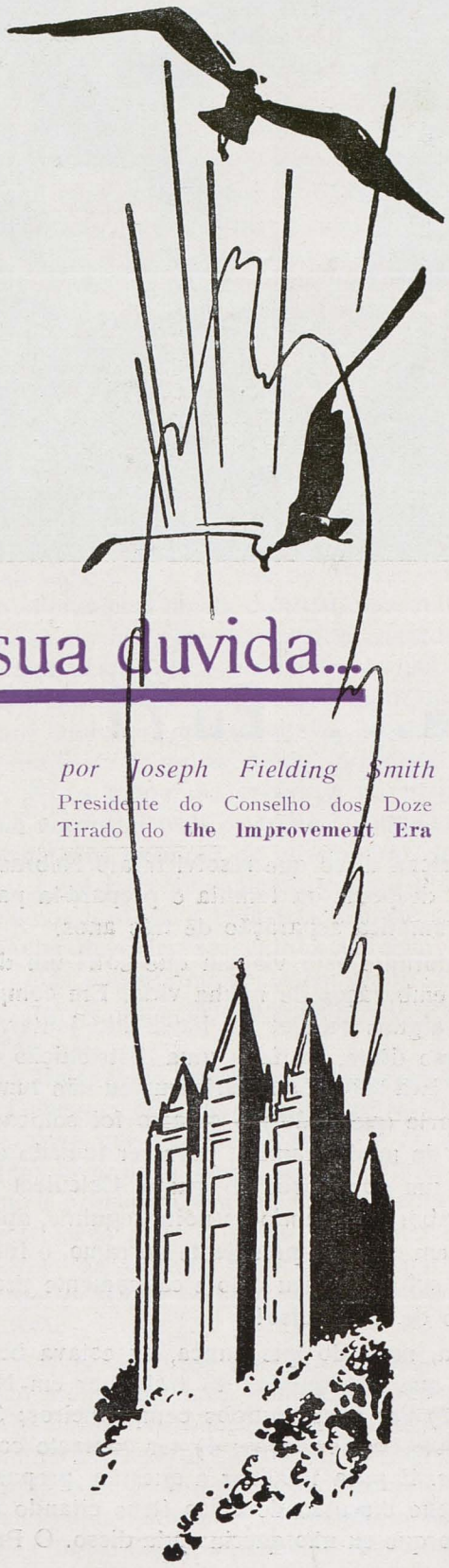
• **Nova Zelândia Hio-Tau** — Cêrca de 1.000 membros da Igreja vieram de tôdas as partes da missão, viajando até mesmo 700 quilômetros para assistirem a esta primeira conferência, realizada sob o auspício da mais nova missão da Igreja, a Missão do Sul da Nova Zelândia. Hiu-tau, é uma palavra Maori que significa "grande conferência".

O Presidente da Missão, Alexander P. Anderson, presidiu os três dias de conferência. Muitos dirigentes e oficiais da Igreja assistiram a conferência.

A conferência teve início na tarde de sexta-feira com uma reunião sacerdotal para os 400 Élderes, e uma reunião da Sociedade de Socorro foi feita para as mulheres. Aproximadamente 600 jovens compareceram ao Baile Auri-Verde realizado na noite do sábado.

As reuniões domingueiras, foram realizadas, sendo incluída uma aula de genealogia, duas reuniões gerais e uma reunião de Escoa Dominical à noite.

A música para o hiu-tau foi abrilhantada pelas 200 vozes combinadas dos côros dos distritos. ■



sua duvida...

por Joseph Fielding Smith
Presidente do Conselho dos Doze
Tirado do **the Improvement Era**

Quais são os passos que devem ser dados para infundir nos corações dos membros da Igreja uma atitude mais devota e sacra na observância da partcipação do Sacramento?

Pergunta: *"Sempre achei que a participação do sacramento fôsse um dos mais importantes deveres entre os membros da Igreja. Além disso, que quando nós participamos dêle, nossos pensamentos devessem estar centralizados na natureza dos convênios constantes das orações. Não se deveria permitir que qualquer outra coisa desviasse nossa atenção dêsse sacro ritual. Minha observação convence-me que a atitude sacra e a solenidade que esta ordenança requer nem sempre são observadas. Quais os passos que devem ser dados para infundir nos corações dos membros da Igreja uma atitude mais devota e sacra na observância desta ordenança?"*

Resposta: O Salvador instituiu o Sacramento na reunião da Santa Ceia na noite em que Êle estava com os apóstolos, que precedem a Sua prisão e condenação. Aí, nessa sala, Êle deu aos seus apóstolos importantes instruções e instituiu o Sacramento como um meio pelo qual êles deveriam lembrá-lo até a consumação dos séculos.

Desde o tempo da queda de Adão até esta ceia final, o Senhor tinha dado a lei do sacrifício pelo derramamento de sangue de animais e aves, como o anjo revelou sendo, "uma similitude do sacrifício do Unigênito do Pai" (Moisés 5:7), e deveria ser observado até a vinda de Jesus Cristo. Nestes sacrifícios êles deveriam lembrar o grande sacrifício que estava para vir. Depois da *expiação* de Jesus na Cruz, êste derramamento de sangue deveria cessar e dessa hora em diante os seus verdadeiros seguidores deveriam lembrar d'Êle e da razão de Sua morte sôbre a cruz, êstes símbolos representando o Seu corpo e o Seu sangue, que havia sido derramado, eram dados em vez do sacrifício de animais. Daí em diante os seus seguidores deveriam se reunir em solene assembléia e partilhar do pão em lembrança do Seu corpo e do vinho (água) em lembrança do Seu sangue derramado por êles.

Nada deve jamais ser introduzido na reunião do Sacramento que venha a alterar esta ordenança. Os membros da Igreja devem-se reunir em espírito de fé e oração. Suas mentes devem estar fixas no Sacramento. Não deve haver cochilos ou conversas, pois isto é pecado. Os pensamentos de cada membro devem estar concentrados nas orações e na veracidade do seu significado. Aquêles que tomam parte na bênção dos símbolos devem sentir a solenidade do ato e a santidade da ordenança, como se o Senhor estivesse presente em pessoa com êles. Cada membro da Igreja deve ter em mente os três grandes convênios que são feitos quando participam do sacramento que são: *(continua na página 225)*



Ensinar A Primária... Eu?!

QUANDO eu primeiramente estava sendo considerado para fazer missão, me foi dito que, muitas vêzes, os Élderes tinham de ensinar a primária. Minha reação, expressa em família, foi um "não" categórico. Fazia anos desde que eu estivera em contacto com crianças pela última vez, e eu não desejava em absoluto a sorte de ter de ensiná-las. Eu não queria nem pensar em dar, por exemplo, uma lição sôbre a restauração do evangelho a um bando de crianças buliçosas, irrequietas, impossíveis. Eu mesmo nunca havia freqüentado a Primária.

Quase tão horrível quanto ensinar a Primária era a idéia de que talvez eu fôsse chamado para fazer missão em Nebrasca, onde eu fôra criado entre parentes e amigos que não pertenciam à Igreja. Para mim, fazer uma reunião de rua em minha cidade seria completamente impossível! Eu estava bem certo de que seria chamado para fazer missão n'algum lugar distante, diferente: talvez Tonga, talvez na França, ou quem sabe, na África do Sul. Aliás, eu tinha tanta certeza disso que resolvi ir até Nebrasca para me despedir da família e prepará-la para nossa dramática separação de três anos.

Foi durante esta viagem que sofri um dos maiores embaraços de minha vida. Em companhia de alguns amigos eu havia ido jantar, e no decurso dêste, foi feita uma distribuição de cigarros. Era sabido e notório que eu não fumava, de sorte que o último cigarro foi colocado no bolso da minha camisa, para ser tomado depois por um dos outros do grupo. Calculem só o meu embaraço quando na noite seguinte, após o jantar em casa do presidente do ramo, o filhinho dêle subiu no meu colo e calmamente tirou o cigarro de meu bolso!

Agora, mais do que nunca, eu estava bem certo de que não queria: 1) trabalhar em Nebrasca; 2) ver meus antigos companheiros; 3) ter contacto com crianças; 4) ter contacto com Primárias. E para finalizar a questão, preparei um pequeno discurso de cinco ítens citando as razões porque eu não queria nada disso. O Pre-

sidente Milton R. Hunter, porém, não me deu oportunidade para iniciar êsse discurso.

Mal havíamos-nos cumprimentado e êle foi logo dizendo: "Você quer ir para a melhor missão do mundo meu rapaz?"

Êle havia ido direto ao assunto e eu respondi com um "Sim, senhor" entusiasmado, relembrando mentalmente o meu discursinho.

"Pois a melhor missão é aquela para a qual você é chamado" foram as próximas palavras dêle, e com essa eu me sentei para minha entrevista, meu discurso inutilizado logo de saída.

Algumas semanas depois o solista cantava meu hino de despedida: "Aonde Mandares Irei", e eu parti — para Nebrasca, ao encontro da família de quem há tão pouco me despedira, ao encontro de meus antigos companheiros.

A caminho, durante a curta viagem entre Salt Lake City e a Casa da Missão em Denver, eu olhava pela janela do trem, pensando nas palavras do hino que havia sido cantado durante minha despedida e cismando se tudo isto não seria um grande êrro — eu ir para uma missão num lugar que não desejava, e com tão pouca vontade de fazer as coisas que deveria.

Novo golpe me esperava no momento em que encontrei meu primeiro companheiro. Êle, verdadeiro exemplo de missionário, se apresentou e foi logo anunciando que no dia seguinte iríamos ensinar a Primária. Eu me senti como Daniel deve ter se sentido na cova dos leões — mas daquele momento em diante a Primária se tornou para mim um hábito difícil de quebrar.

Mais tarde fui transferido para Nebrasca. Lá cheguei durante uma daquelas tempestades de neve que sempre detestei, e ao descer do trem imaginava como seria o clima em Tonga. A primeira coisa que fiz no Nebrasca foi visitar meus avós, a quem apresentei os missionários da cidade. Segui depois para uma cidade próxima onde deveria continuar minha missão.

Após meses de trabalho infrutífero naquele frio tremendo, meu companheiro sugeriu que organizássemos uma Primária. Começamos com quatro crianças e ao fim do mês continávamos ainda com quatro crianças. Reclamei então dizendo que estávamos perdendo nosso tempo. Meu inspirado companheiro não concordou, e foi bom que êle assim fizesse, pois vinte e cinco dias depois estávamos não com apenas quatro crianças, mas com oitenta delas, e quatro Primárias.

Certo dia ao chegarmos numa de nossas Primárias encontramos a criançada tôda despenteada, roupas em desalinho, mãos e carinhas sujas. Enquanto elas nos cumprimentavam em alegre algazarra, meu companheiro e eu conferenciávamos, decidindo que o tema da lição do dia seria: "Limpeza e Divindade". Foi, aliás, uma lição muito prática, pois penteamos todo o mundo, lavamos todos os rostos e mãos. E demos inclusive um banho completo num dos moleques. Depois, sentamo-nos para continuar a lição. Eu não podia imaginar que impressão fizera essa lição.

O êxito das nossas Primárias subiu-nos à cabeça, e resolvemos fazer uma Conferência de Primárias. Grande parte das dificuldades foram contornadas com o auxílio daquela simpática revistinha "The Children's Friend" que apresentava as sugestões do Conselho Geral das Primárias. Mas, ainda assim, tínhamos problemas, como por exemplo ensinar as canções SUD a 80 crianças em quatro Primárias distintas, sem auxílio do piano e sem que nenhum de nós dois soubesse cantar. Mas, a despeito de nossa ajuda, e milagrosamente, as crianças aprenderam a cantar. Estávamos ansiosos por fazer dessa Conferência um sucesso, pois também estávamos dando lições a algumas das famílias das crianças — as primeiras que conseguímos dar em semanas. Finalmente chegou a grande noite, e a Capela que via de cinco a dez pessoas durante as reuniões sacramentais ficou lotada com 130 pessoas. Um verdadeiro sucesso!

Fico triste só em pensar nas alegrias que teria perdido se houvesse me recusado a ensinar a Primária, ou se houvesse recusado aceitar missão no Nebrasca. Sister Mildred M. Dillman, costumava dizer quando me via desencorajado: "Você não está no topo da Eternidade, Elder, e porisso não tem possibilidade de ver os resultados finais". E ela estava certa. Calculem minha felicidade ao ser convidado, depois de desobrigado, para voltar ao Nebrasca a fim de batizar meus avós. O atual Presidente do Distrito se converteu depois que o filho começou a freqüentar a Primária que eu não queria en-

(continua na página 224)

Jesus Retorna a Jerusalem

por DOYLE L. GREEN

PARTE XVIII

"JESUS, Filho de David, tem misericórdia de mim".

Era a voz do cego Bartimeo, filho de Timeo, que bradava. De seu posto a beira do caminho, próximo à uma das entradas de Jericó, no vale do baixo Jordão, onde esmolava, êle identificou os ruidos de uma grande multidão aproximando-se. Perguntando, foi informado de que Jesus de Nazaré passava.

Apesar de cego, ouvira relatos dos muitos



milagres obrados por êsse Homem da Galiléia. Sabia que curava os enfermos, revivia os mortos, e restaurava a visão de homens desafortunados como êle próprio. Segundo parece, estava esperando exatamente uma oportunidade como aquela para pedir ao Salvador que lhe restituisse a visão.

Temendo que Jesus pudesse não o ouvir, gritou bem alto. Muitos mandaram-no calar-se, mas êle era homem de grande fé e, acreditando que o Senhor tinha poder para curá-lo também, não poderia ser silenciado. "Filho de David! tem misericórdia de mim" suplicou, mais sonora e vigorosamente que nunca.

Ouvindo aquêle pungente brado do homem, o Mestre parou e deteve a grande multidão.

Eram fins de março. Jesus distava não mais que um dia de jornada da Cidade Santa. Ocasião era próxima em que, voluntàriamente, deveria doar sua vida como parte do grande plano elaborado antes que o mundo fôsse feito, possibilitando assim, a todos os homens uma ressurreição. O poderoso pêso de todo o mundo apoiava-se sôbre Êle. Poderia agora ser tocado por tão pequena coisa quanto a cegueira de apenas um homem? Seus seguidores devem ter esperado em silêncio, enquanto Jesus pedia que o homem fôsse trazido a sua presença.

Com tôda pressa, e mesmo atirando de lado seu manto para que não o retardasse, o homem levantou-se e correu ao lugar onde Jesus esperava.

"Que queres tu que te faça?", o Senhor perguntou.

"Mestre, que eu tenha vista", implorou simplesmente aquêle homem de fé.

Sem maiores perguntas ou demora, Jesus disse: "Vai, a tua fé te salvou".

De imediato o homem ficou vendo, tornando-se portanto, conforme os registros, o sexto cego que o Senhor assim abençoou. E curado, seguiu o Salvador glorificando a Deus como o fazia "todo o povo, vendo isto...".

A notícia de que o Senhor estava atravessando a região correu depressa, enquanto grandes multidões se formavam ao longo da estrada para verem-No e a Seus seguidores, quando passavam.

Em Jericó, havia um homem que nutria desejo especialmente grande de ver Jesus. Zaqueo era seu nome. Jericó, localizada cêrca de quinze milhas a noroeste de Jerusalém, era conhecida como a "cidade das palmeiras". Jazendo num vale, vários pés abaixo do nível do mar e a cêrca de cinco milhas da costa setentrional do Mar Morto, tinha clima semi-tropical apesar de sêco. Na ocasião, era uma área frutífera e muito importante, requerendo serviços de numerosos coletores de impostos, dos quais Zaqueo era chefe.

Recordemo-nos que os judeus desprezavam coletores de impostos, e mesmo rico, Zaqueo não gozava favores especiais. Sendo pequeno de estatura, e não tendo chegado a tempo para obter lugar na frente do povo, sua visão da estrada estava bloqueada. Mas, determinado a ver o Senhor, êle subiu numa figueira brava.

Retrate a surpresa da multidão, sim, e mesmo do próprio coletor de impostos, quando Jesus parou perto da árvore e olhando para seus galhos disse: "Zaqueo, desce depressa porque hoje me convém pousar em tua casa".

Pressurosamente descendo, o publicano conduziu Jesus a sua casa e recebeu-O hospitaleiramente. Seus concidadãos, contudo, que consideravam qualquer coletor de impostos um "pecador", ficaram muito perturbados, murmurando contra Jesus. Mas o Salvador como sempre, tinha propósito sob Suas atitudes e escolhera com acêrto seu hospedeiro. Tão completamente foi Zaqueo convertido às palavras do Mestre, que admitiu: "Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e se n'alguma coisa tenho defraudado alguem, o restituo quadruplicado".

É fácil supor que Zaqueo fôra desonesto em alguns de seus passados acôrdos, mas Jesus estava convencido de sua sinceridade, e sabia-o verdadeiramente arrependido. "Hoje veio a salvação a esta casa", disse, "pois também êste é filho de Abrahão".

"Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido".

Porque estava tão grande multidão seguindo o Salvador e por que interessavam-se tanto

por Êle ao longo do caminho? É verdade que muitos faziam sua peregrinação anual à festa da Páscoa, mas a resposta, parece repousar na crença nutrida por muitos de que Jesus estava realmente dirigindo-Se a Jerusalém para restabelecer Seu Reino sôbre a terra. Acreditavam que êsse era o tempo predito por Seus profetas, em que seriam libertos dos odiados inimigos, e a glória dos dias de David e Salmão retornariam.

Jesus conhecia-lhes as intenções e não desejava que ficassem desapontados quando suas expectativas não se tornassem um fato. Novamente tentou explicar ao povo a natureza do que estava para vir. Fazendo-o contou a história que chegou a nós como parábola das dez minas. Refere-se a um nobre que antes de sair em longa viagem, "a fim de tomar para si um reino", chamou seus dez servos, dando a cada um dêles uma soma de dinheiro, uma mina, para cuidarem até seu retôrno. Êle não era muito popular entre os habitantes do país, os quais mandaram-lhe manifesto dizendo que não ser-lhe-iam sujeitos. Retornando, chamou a si seus servos para ver como havia cada um tratado a mina que lhe fôra confiada. Um dêles, através de adequado emprêgo do dinheiro, transformara em dez a mina a seu cuidado e por ter sido tão fiel foi feito governador de dez cidades. O segundo ganhara cinco minas e foi feito governador de cinco cidades. Um terceiro devolveu apenas a mina recebida: "Porque tive medo de ti", disse êle, "que és homem rigoroso".

"Pela tua bôca te julguei, mau servo", seu senhor disse, "sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que puz, e cego o que não semeei; porque não meteste pois o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros?"

E disse aos que estavam com êle: "Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas".

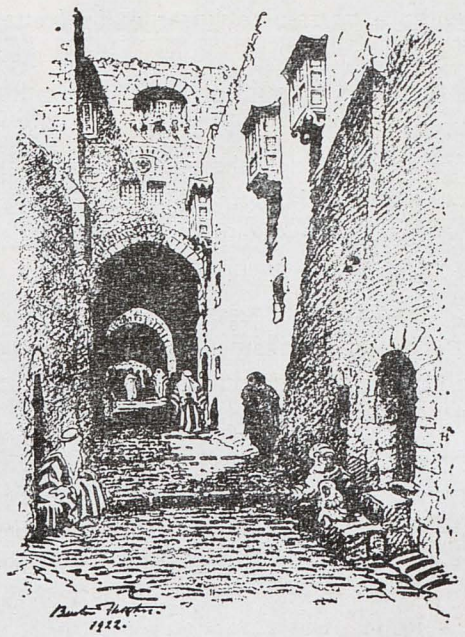
"Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-há dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado".

É duvidoso que o povo tenha compreendido o significado da história, mas não podiam ser estranhos às circunstâncias em que se baseavam. E todos sabiam que alguns anos antes, Arquelau viera de Roma para ser governador da Judéia, e os judeus enviaram uma delegação de cinqüenta homens para tentar persuadir César Augusto a não fazê-lo rei. O magnífico palácio de Arquelau ficava em Jericó, talvez ao alcance da vista do povo naquela mesma hora.

Através esta história o Senhor tentara fazer seus ouvintes entender que não deviam esperar um imediato estabelecimento do reino, como o compreendiam, mas que êle, o nobre que algum dia seria rei, precisava partir por algum tempo, deixando as responsabilidades do reino nas mãos dos servos de confiança. E quando retornasse, os descrentes, bem como seus servos que fôssem infiéis, seriam justamente punidos. Após terminado o sermão, Jesus continuou Seu caminho, subindo a rochosa estrada que conduzia a Jerusalém.

Muitos fiéis haviam se reunido na Cidade Santa uma semana ou mais antes da Páscoa, para cumprir certos ritos de purificação, tornando-se portanto dignos de participar nos programados acontecimentos da Semana Santa. O principal tópico de conversa entre o povo era Jesus. Ousaria comparecer à Festa? Se o fizesse, levariam a efeito, os líderes judeus, seu pacto de prendê-Lo?

Enquanto isso, outros cogitavam também sôbre Jesus. Meio mundo adiante, no Hemisfério



Ocidental, o povo esperava os sinais que, Samuel o Lamanita predissera, anunciariam a morte do Senhor — três dias de escuridão, abalos, tempestades, raios e trovões. Seus cálculos mostravam que os trinta e três anos eram decorridos, "e *falta a citação!*

Seis dias antes da Páscoa, Jesus chegou a Betânia onde moravam seus amigos, Maria, Marta e Lázaro, o qual soerguera de entre os mortos. A êsse tempo, notícia se espalhou de que Jesus dirigia-Se a Jerusalém, e muitos haviam vindo a Betânia, não sòmente para vê-Lo como também para ver Lázaro que jazera na tumba por três dias, sendo então restaurado à vida.

Em Lázaro encontravam prova palpável do poder de Jesus, mas em vez de considerarem isto como inegável evidência de sua divindade, os chefes dos sacerdotes conspiravam matar Lázaro, desde que muitos criam no Salvador devido a êle.

Os acontecimentos da última semana que Jesus passou no mundo como mortal, são tão numerosos e importantes que volumes inteiros têm sido escritos sôbre êles. Êsse período de tempo tornou-se conhecido como "a segunda semana do sacrifício expiatório". O primeiro dia da semana foi domingo. A data provável, 2 de abril, DC. 30.

Tal foi o dia escolhido pelo Senhor para fazer Sua entrada em Jerusalém. Deve ter deixado Betânia muito cêdo, nessa manhã de domingo e, acompanhado por Seus discípulos e outros seguidores, dirigiu-Se para o Monte das Oliveiras, exatamente fora dos muros da Cidade Santa. Chamando dois discípulos Seus, instruiu-os a dirigir-se para uma aldeia próxima, onde encontrariam um jumento novo, sôbre o qual homem algum havia ainda cavalgado. Deviam retornar com o animal. Se alguém lhes perguntasse que estavam fazendo, respondessem apenas que o Senhor necessitava o jumento e não seriam detidos.

Em tal animal, um jumento baixinho, o Filho de Deus, o Criador e Salvador do mundo faria sua "entrada triunfal" na grande cidade de Jerusalém, para logo enfrentar insulto, prisão, perseguição julgamento e morte na cruz.

Para tanto, os discípulos cobriram de mantas o animal que o Mestre montou, e seguira-no descendo o Monte das Oliveiras em direção à cidade. Grandes multidões haviam-se reunido pelo caminho. Estavam cheios de alegria e jubilantes à visão do seu Rei. De tão deliciados e enlevados, espalhavam suas vestes ao longo da estrada, para que o animal caminhasse sôbre elas. Alguns cortavam ramos de árvores e os estendiam sôbre o caminho. E à medida que penetravam na cidade, repetidamente se elevavam gloriosos clamores do povo: "Hosanna, bendito o que vem em nome do Senhor";

"Bendito o reino do nosso pai Davi, que vem em nome do Senhor; Hosanna nas alturas".

E, no centro da ovação, felicidade e regozijo geral, Jesus estava triste. Conhecia que o povo mal interpretara o inteiro propósito de Sua missão sôbre a terra. A despeito de tudo que lhes dissera, não criam que se dirigia para a morte. Quando os discípulos "começaram a dar louvores a Deus em alta voz, por tôdas as maravilhas que tinham visto.

"Dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu e glória nas alturas", os Fariseus entre a multidão exigiram que o Senhor os repreendesse. Ao que respondeu: "Digo-vos que se êstes se calarem, as próprias pedras clamarão". Mas lançando um olhar a Jerusalém, chorou e lamentou: "Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! mas agora isto está encoberto aos teus olhos.

"Porque dias virão sôbre ti, em que os teus inimigos te cercarão de brincadeiras e te sitiarão, e te estreitarão de tôdas as bandas";

"E te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiveram; e não deixarão em ti pedra sôbre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação".

Com Seus discípulos, Jesus atravessou as ruas da cidade e penetrou no templo. Não temos qualquer registro de que ensinasse nesse dia, o qual dispendeu todo na cidade e Casa de Seu Pai. Quando a tarde desceu, retornou à Betânia com os doze.

A manhã de segunda-feira encontrou Jesus dirigindo-Se de novo a Jerusalém. Quando se acercava da cidade, teve fome. Vendo uma fi-

(contina na página 206)



JOINVILLE — A primeira Sociedade de Socorro organizada no Brasil conta ainda com suas primeiras líderes, depois de 26 anos de trabalho no Ramo de Joinvile.

Tôdas as senhoras pertencentes às Sociedades de Socorro de tôda a Missão prestam sua respeitosa homenagem a essas primeiras mães da Sociedade de Socorros.

Na foto, da esquerda para a direita vemos: Toni Barsch, Presidente; Margareta Büchli, 2.º Conselheiro; Martha Otto, 1.º Conselheiro.

A Sociedade de Socorros de Joinvile foi organizada em outubro de 1933. Naquela época havia 24 senhoras a ela pertencentes. Através dos anos, o grupo continuou a contribuir para o desenvolvimento do Ramo e aumentar a espiritualidade entre as famílias pertencentes ao Ramo. Que Deus as abençoe!

Sociedade de Socorro - Uma Ajuda Ao Sacerdócio

por JOSEPH F. SMITH
do Conselho dos Doze

SINTO que outros deveres me forcem a partir antes do término desta reunião, logo que terminar de falar-lhes. É uma maravilhosa visão olhar as suas fisionomias boas irmãs e tôdas as partes da Igreja, e avaliar os grandes e importantes deveres que recaem em seus ombros, e quão perfeitas e fielmente estão vocês cumprindo êsses deveres.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nunca teria sido terminada sem a organização conhecida como Sociedade de Socorro que abrange as irmãs da Igreja — Não há nenhuma outra organização como ela, de acôrdo com o que ouvimos em oração. O mundo não poderia imitá-la. Há outras organizações de mulheres, eu suponho, já ouvi tal; mas tenho certeza que não há nenhuma organização que possa se reunir como vocês estão reunidas, com a

mesma inspiração, esperança, aspiração, fé e amor à verdade como vocês, irmãs, manifestam em suas vidas.

O Profeta foi inspirado. E, por revelação em março de 1842 no dia 17, êle reuniu as irmãs e realizou a Sociedade de Socorro. Ela cresceu para ser uma fôrça na Igreja. Absolutamente necessário, falamos dela como uma auxiliar, o que significa ajuda, mas a Sociedade de Socorro é mais do que isso. Ela é necessária. Ela serve de ajuda ao Sacerdócio de Deus. E ainda que as irmãs não recebam o Sacerdócio, êle não lhes é conferido, isso não significa que Deus não lhes tenha dado autoridade. Autoridade e Sacerdócio são duas coisas diferentes. Uma pessoa pode possuir autoridade que lhe foi dada, ou numa irmã a si, para fazer certas coisas na Igreja que se relacionam e são absolutamente necessárias para nossa salvação, tal como o trabalho que nossas irmãs fazem na Casa do Senhor. Elas possuem autoridade que lhes foi dada para fazerem coisas maravilhosas, sagradas para Deus, e tão importantes como as bênçãos que são dadas pelo homem que possue o Sacerdócio. E vocês irmãs que trabalham na Casa do Senhor, podem pôr suas mãos sôbre suas irmãs, e com autoridade divina porque o Senhor reconhece as posições que vocês ocupam. Êle as honra e abençoa em seu trabalho nas diferentes estacas, e vocês podem ir para a frente com autoridade. Vocês podem falar com autoridade, porque Deus colocou autoridade sôbre vocês.

Hoje, vivemos numa era diferente, a era maravilhosa da restauração do evangelho. Pelo que sei, em anos passados ou nas primeiras dispensações do evangelho nossas irmãs não eram designadas a miúde para trabalhos na Igreja. Mesmo nos dias de Paulo, elas eram aconselhadas a se manter caladas na Igreja e outras restrições lhes eram impostas. Mas isso não estava de acôrdo com o plano de salvação. O plano de salvação nada tinha que ver com tais restrições. Elas existiam devido às condições que prevaleciam entre os povos e os costumes dos tempos.

Hoje, nossas irmãs tomam parte nas várias organizações que foram criadas para elas. Elas são úteis no treino de nossa juventude, nossas crianças, e o que elas fazem é feito com autoridade. E quando o Profeta Joseph Smith escolheu as irmãs em 1842, êle lhes deu autoridade. Autoridade mesmo para administrar se necessário, na imposição das mãos para a cura dos doentes, Não para selar e ungir, mas pela oração de fé pedir a Deus pela cura dos enfermos. Tenho muitas vêzes pensando ao ler as escrituras, as antigas escrituras, sôbre as restrições, que aparentemente foram impostas às mulheres e que o Senhor na Sua sabedoria na dispensação da plenitude dos tempos removeu.

Não é mais necessário hoje às nossas irmãs guardarem silêncio. Elas podem ser chamadas a pregar o evangelho de Jesus Cristo, dar seus testemunhos, e ser testemunhas da verdade em nossas reuniões sacramentais ou em outra reuniões da Igreja. Elas têm suas próprias opiniões tal como a Sociedade de Socorro, na qual elas receberam autoridade para realizar muitas coisas. O trabalho que elas fazem é feito com autoridade divina.

O Senhor em Sua sabedoria escolheu nossas irmãs para serem uma ajuda no Evangelho. Devido à sua simpatia, sensibilidade de coração e bondade, o Senhor as considera e dá-lhes os direitos e responsabilidade para administrarem os necessitados e aflitos. Êle tem mostrado o caminho que elas devem seguir, e deu-lhes esta grande organização onde elas têm autoridade para servir sob a direção dos bispos das estacas e em harmonia com êles, cuidar dos interêsses de nosso povo tanto espiritual como temporal.

E o Senhor pode chamar nossas irmãs para irem às casas e confortarem os necessitados, ajudar e assistir os aflitos, ajoelhar com êles e orar com êles, e o Senhor ouvirá as orações das irmãs quando forem oferecidas sinceramente em favor dos doentes, da mesma maneira como Êle ouve as orações dos Élderes da Igreja.

Não poderíamos progredir sem esta organização. Eu não sei o que alguns de nossos bispos fariam se um bispo não pudesse contar com a Presidente da Sociedade de Socorro de sua estaca em casos de necessidade.

Às vêzes, talvez, um bispo ache mais conveniente entregar às irmãs da Sociedade de Socorro, algumas das coisas que êle mesmo de-

veria fazer, não sei. Mas vocês tem sido muito prestativas, e o Senhor aprecia o trabalho que vocês fazem. Vocês pela sua lealdade e obediência, acharão seu lugar no Reino de Deus quando êle fôr estabelecido em sua plenitude e retidão. Pensem nisso. É um dos privilégios das irmãs desta Igreja receber exaltação no reino de Deus e receber autoridade e poder como rainhas e sacerdotizas, e estou certo, tendo elas êsse poder, elas possuem algum poder para dirigir e reinar. Do contrário porque seriam elas sacerdotizas. O Senhor está satisfeito com o trabalho de vocês. Vocês com o seu trabalho, tem ajudado a edificar e fortalecer o Reino de Deus. O trabalho da Sociedade de Socorro é tão necessário na Igreja como é o do quorum do sacerdócio. Agora, alguns talvez pensem que estou sendo um tanto forte, mas a minha própria maneira de pensar é que o trabalho que vocês, nossas boas irmãs, estão fazendo, tem o seu valor e é tão importante na edificação dêste reino dando-lhe fôrças, fazendo com que êle se expanda, assenta um alicerce no qual todos nós podemos construir, como o dos irmãos que possuem o Sacerdócio de Deus. Não podemos progredir sem vocês.

Agora, sinto muito mas tenho que partir. Sinto ter que sair porquanto gostaria de ficar com vocês para ouvir as palavras do irmão Petersen e outros temas para esta reunião. Mas deixo minha oração e bênção com vocês, às não presentes, pela sua lealdade e integridade e também à verdade do evangelho de Jesus Cristo. abundância com Seu Espírito Santo, eu peço em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Jesus Retorna a Jerusalém

(*continuação da página 203*)

gueira à beira do caminho, desejou tirar-lhe um fruto, mas desapontado encontrou-a vazia. Olhando para a árvore disse: "Nunca mais coma alguém fruto de ti".

Mais tarde, passando pela árvore, os discípulos notaram que secara. Atraindo atenção para o fato, Pedro disse a Jesus: "Mestre, eis que a figueira que tu amaldiçoastes, se secou". Respondeu-lhe o Senhor: "Tendo fé em Deus"; fêz então do incidente assunto de um sermão sôbre a fé, dizendo que quem quer que tenha fé suficiente pode dizer a uma montanha: "Ergue-te e lança-te no mar", e se sua fé bastar, a montanha ,na verdade, o fará.

"Por isso", acrescentou, "vos digo que tudo o que pedirdes orando, crede que o rebereis e tê-lo-eis";

Que lição para deixar com os discípulos! Êles enfrentariam breve, em sua morte, um teste muito árduo para suportar. A maldição da árvore era-lhes mais uma evidência do grande poder que Jesus possuia. Êle curara todo o tipo de doença; abrandara ventos e acalmara as ondas; tinha multiplicado o pão e tornado água em vinho; retornara o morto à vida. Êste último incidente demonstrava que Êle tinha também poder para destruir, mas tal poder fêz agir apenas contra uma árvore estéril e inútil.

Em Jerusalém, Jesus dirigiu-se ao templo e parede ter passado lá o dia. Repetindo seu feito de três anos antes, Êle "derribou as mesas dos cambiadores e as cadeiras dos que vendiam pombas".

"E os ensinava, dizendo: "Não está escrito — a Minha será chamada por tôdas as nações casa de oração? Mas vós a tendes feito covil de ladrões".

Após tal, curou o cego e o coxo que lhe foram trazidos. Naturalmente os chefes dos sacerdotes e os Escribas que estavam vigiando cada movimento Seu ficaram irados ao vê-Lo fazendo milagres no templo e, ao clamar ao povo dizendo: "Hosanna ao Filho de Davi", comentaram: "Ouves o que êstes dizem?"

"Sim", respondeu o Senhor, "nunca leste: pela bôca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor?"

E assim passou-se o segundo dia da semana. Na casa de Seu Pai, havia curado e pregado ao povo. Quanto desejavam os Sacerdotes, Escribas e Fariseus, destruí-Lo! Mas aquela hora ainda não chegara, e nem chegaria até que Êle voluntàriamente se lhes entregasse.

Ao aproximar-se a noite, novamente deixou a cidade para passar as horas de escuridão na vizinhança do Monte das Oliveiras. ■

(*continua no próximo número*)



A Epopéia do Mormonismo

por DOYLE L. GREEN

Esta é uma época Americana.

Esta é a história de homens e de um povo que a despeito do preconceito e perseguição, e embora suportassem inacreditável sofrimento, oposição e incríveis injustiças, introduziram uma nova filosofia de vida, restabeleceram a Igreja, circundam o globo e. proclamando o evangelho, atravessaram um continente para encontrar paz, e ergueram um próspero império num deserto montanhoso e estéril que ninguém queria.

Êste é um conto de coragem, de fé, de esperança, de inspiração. ESTA É A EPOPÉIA DO MORMONISMO!



Josepn Smith recebe as placas de ouro. *Joseph Smith, o profeta.* *Tradução das placas.* *Oliver Cowdery e Joseph Smith recebem o batismo e o Sacerdócio.*

UMA parte integral da história da América, a história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, teve seu início na primeira têrça parte do século XIX no nordeste dos Estados Unidos.

Quando Joseph Smith, o principal personagem, nasceu em Vermont em 1805, os Estados Unidos estavam ainda em sua infância. O Presidente George Washington morrera fazia apenas seis anos. Thomas Jefferson estava servindo pela segunda vez como o terceiro presidente do país. A época era de rápido crescimento e de expansão das fronteiras. Nos vinte anos que se seguiram ao início do século, a população subiu de seis milhões para mais de nove milhões e meio. No comêço do século o território de Louisiana foi comprado de Napoleão Bonaparte, duplicando dêsse modo a área e aumentando grandemente as fontes econômicas do país.

A primeira terça parte do século viu onze estados novos serem adicionados às treze colônias originais, extendendo as fronteiras de uma nova nação para além do Mississipe.

Enquanto isso os movimentos de reforma requeriam muita atenção com a escravatura,



As três testemunhas. *Brigham Young.* *O recolhimento de almas.* *O Templo de Kirtland dedicado em 1836.*

temperança, direitos da mulher e taxas para sustento de escolas. Novas invenções, atestados de compras de terras, comércio estrangeiro, tarifa, e a Doutrina de Monroe ocupavam a mente do povo.

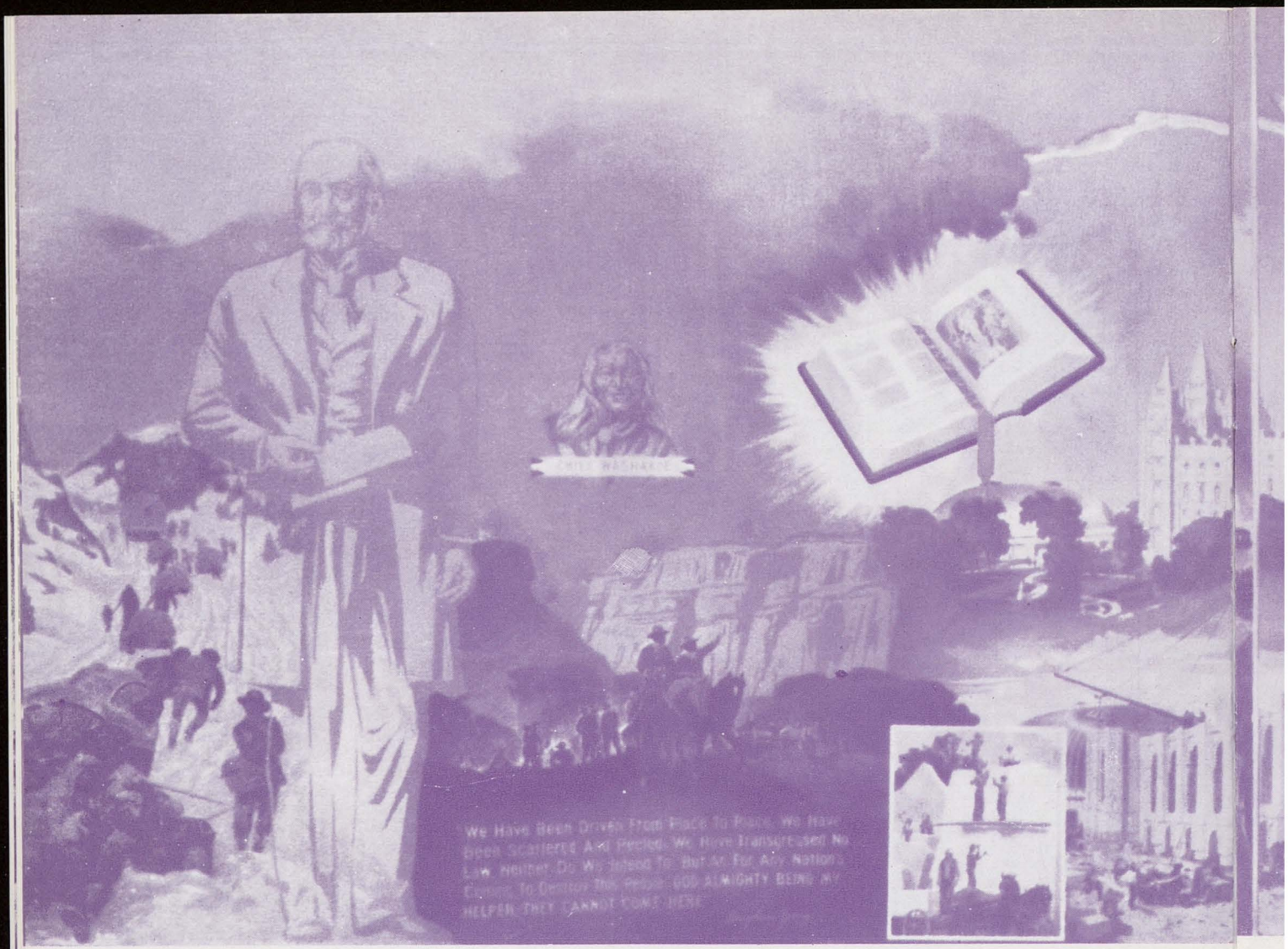
Êstes foram anos momentosos na história da América!

Em 1820 ocorreu um acontecimento no oeste de Nova Iorque, que, embora muitas vêzes esquecido pelos historiadores, teve incalculável efeito na história da nova nação.

O jovem Joseph Smith, agora com seus quatorze anos, morava no oeste de Nova Iorque, tendo sua família vindo de Vermont apenas quatro anos antes.

A agitação religiosa tomava vulto. Os ministros das várias denominações sustentavam o despertar religioso. Membros da família Smith desejavam tornar-se membros da verdadeira igreja, mas qual delas era a verdadeira? Alguns eram favoráveis a uma seita, outros a outra. Joseph estava confuso. Como podia um jovem de quatorze anos saber a qual Igreja se filiar?

Numa bela manhã no começo da primavera, Joseph foi a um bosque próximo a sua casa,



Migração de Carroças no paço do sul. *Heber J. Grant.* *A Guerra de Utah.* *Quebrando pedras num pequeno "canyon".*

para abrir sua alma ao único Sêr que êle pensava poder orientá-lo — Seu Pai Celestial — agindo de acôrdo com o conselho dado no primeiro capítulo, versículo quinze da epístola de Tiago:

"Se algum dentre vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto, e ser-lhe-á dada".

Joseph Smith voltou a sua casa com a mente em paz. Sua oração havia sido respondida. Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo, haviam aparecido, dizendo-lhe que a plenitude do evangelho ser-lhe-ia dada a conhecer em tempo futuro.

A notícia de que o Senhor havia falado a um rapaz de quatorze anos foi recebida com bastante excitamento mais pouca reserva pelas pessoas do oeste de Nova Iorque. Pequena maravilha! Tal coisa não tinha precedentes. Deus não se revelara ao mundo por muitas gerações, sim, há séculos. De modo geral acreditava-se que os céus estavam fechados.

Mas, aquêles que conheciam o jovem rapaz ficaram impressionados. Joseph era honesto e sincero, devotado e inteligente. Êle havia estado de fato procurando a Igreja de Deus. O grande número de seitas cristãs e a extrema di-



Construindo o Templo de Salt Lake City. — *George Albert Smith.*

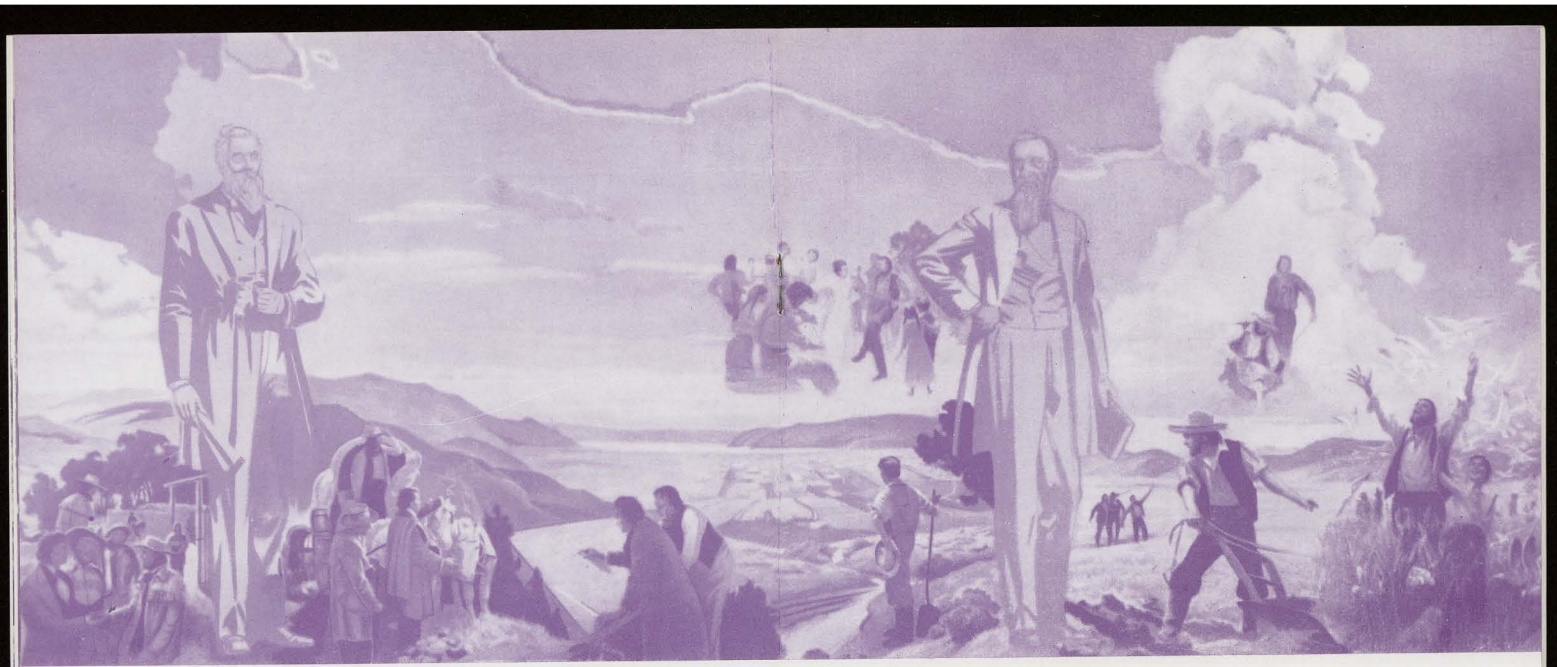
Na luz nós veremos a glória de Deus.

versidade de seus ensinamentos demonstravam bem a confusão que existia no mundo religioso. Onde estava a verdade? Era ilógico pensar que um Pai amoroso, que havia orientado Seus filhos através das dispensações, falaria de novo ao homem?

Quatro anos decorreram e as novas sôbre outros eventos notáveis atravessaram as fronteiras. O jovem Joseph havia sido visitado por um outro sêr celestial que se chamava Moroni, dizendo-lhe que Deus tinha um importante trabalho para êle. Numa colina nas imediações estavam depositadas algumas placas de ouro que continham a plenitude do Evangelho Eterno. Deveria ser seu o glorioso privilégio de traduzir os caracteres contidos nas placas e de ser o instrumento nas mãos de Deus para a restauração do evangelho.

Indo à Colina, de nome Cumorah, como lhe foi instruído por Moroni, Joseph Smith encontrou as placas numa caixa de pedra, protegida dos elementos dos tempos por uma tampa arrendodada, de pedra, que as cobria.

Tentando remover o tesouro, Joseph foi informado pelo mensageiro que não havia ainda chegado a tempo, mas que podia voltar anual-



Brigham Young encontra Jim Bridger. *Lorenzo Snow.* *"Este é o lugar".* *Planejando Salt Lake City.* *"Aqui construiremos um templo ao nosso Deus".* *Irrigação.* *Joseph F. Smith.* *Ouro na Califórnia.* *A chegada das Gaivotas.*

mente durante quatro anos para receber instruções e saber como e de que maneira o Reino de Deus deveria ser conduzido nos últimos dias".

Quando se passou o período de treinamento e preparo os registors foram entregues a Joseph, com uma severa advertência de guardá-los zelosamente e de não os mostrar a ninguém, com receio de lhe serem tomados.

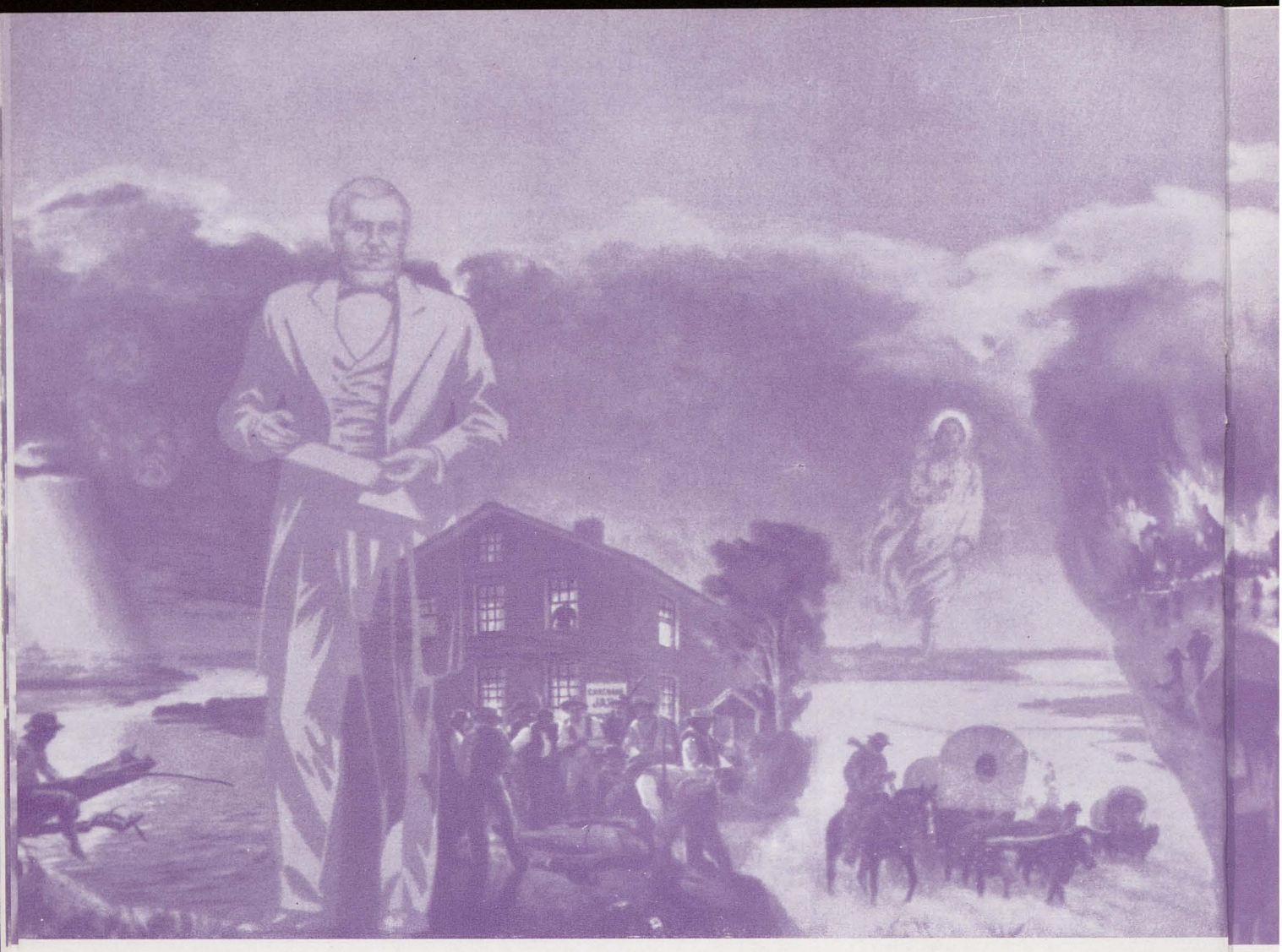
Desde êsse momento em diante até a sua morte a vida de Joseph foi de infindável tormento e perseguição. Cem anos mais tarde ser-lhe-ia permitido prosseguir em paz com sua obra. Cento e cinqüenta anos antes êle poderia ser enforcado por charlatanismo. Esta era uma era intermediária na América. As fronteiras moviam-se para o oeste; a tolerância religiosa se expandia; muitas pessoas procuravam a verdade. O Senhor havia calculado bem o tempo do evento.

A despeito da incredulidade disseminada que existia com respeito às experiências de Joseph, alguns amigos logo se revoltavam. Um foi um jovem professor chamado Oliver Cowdery. Em 7 de abril de 1829, foi iniciado com ansiedade o trabalho de tradução das placas. Joseph transcrevia os caracteres e ditava a Oliver Cowdery, que registrava as palavras em escrita comum.

E assim a notável história das placas — relato dos ancestrais dos índios Americanos e das relações de Deus para com êles — revelaram um relato de três diferentes imigrações de povos para as Américas, que teve início na época da Tôrre de Babel. O relato findou cêrca do ano de 421 A.D. quando as placas foram escondidas na colina. Aqui temos um livro que, juntamente com a Bíblia Sagrada, dá testemunho do Senhor e Salvador Jesus Cristo! Através dêle o plano do evangelho foi apresentado simples e claramente.

Mas uma questão surgiu no curso da tradução, e, os dois homens deveriam consultar o Senhor para melhor orientação. Muitas passagens, por exemplo, declaravam que o batismo era essencial para a salvação. Isto êles já sabiam pela consulta à Bíblia, embora nenhum dêles fôsse batizado. Quando consultaram o Senhor, souberam que o homem deve ser chamado por Deus, por profecia, e pela imposição das mãos, daqueles que têm autoridade para pregar o evangelho ou administrar em suas ordenanças.

Um mensageiro celeste conferiu-lhes a necessitada autoridade de Deus e instruiu-os a bati-



John Taylor. *O martírio de Joseph e Hyrum Smith.* *O êxodo de Nauvoo.* *Pilhagem e Incêndio de Nauvoo.*

zar um ao outro. As chaves adicionais eram recebidas quando necessárias para o andamento do trabalho.

Entrementes a tradução prosseguia, e dentro de três meses a monumental tarefa estava completa. A primeira edição da publicação, chamada O Livro de Mormon, saiu do prelo no início da primavera de 1830.

Foi um feliz dia aquêle em que Joseph soube que seria permitido a outras pessoas verem e pegarem as placas de ouro e dar testemunho delas. Esta oportunidade foi dada a onze homens que deram seu testemunho por escrito ao mundo.

Havia chegado a ocasião de organizar a Igreja. Assim, em 6 de abril de 1830, a cerimônia da organização foi realizada por seis pessoas na casa de Peter Whitmer, em Fayette, Estado de Nova Iorque. No domingo seguinte foi feito o primeiro discurso público, dando início ao grande plano de salvação.

A história da restauração do evangelho e do restabelecimento da Igreja de Jesus Cristo, o testemunho e a sinceridade dos missionários, a mensagem do Livro de Mormon, e a autentici-



O Batalhão Mormon. *Wilford Woodrnff.* *A marcha para o Oeste.* *O Rio Doce. Split Rock.*

dade refrescante da palavra revelada de Deus, prendeu o interêsse de um crescente número de pessoas; e onde a simples menção desta nova Igreja fazia com que alguém incrédulo franzisse a testa, ainda alí algumas almas pesquisadoras e honestas tornavam-se cativas da grande verdade do evangelho: uma de uma cidade, duas de uma família, elas vinham, pedindo o batismo. Através dos Estados, no Canadá e posteriormente na Inglaterra e pelo mundo prosseguia o proselitismo.

A entrada de muitos no Reino de Deus, era seguida de um forte desejo de unirem-se ao corpo da Igreja. Assim êles deixavam seus lares e procuravam o Profeta e seu povo.

Ao passo que a pequena Igreja crescia, ascendia também a oposição a ela, e o centro da atividade variava de Nova Iorque a Ohio, dali, através do Rio Mississipi, até as mais longínqüas fronteiras do oeste dos Estados Unidos no Condado de Jackson, em Missouri. Alí na fronteira, pensaram os líderes do novo movimento, seria um lugar ideal para a concentração dos membros da Igreja. Alí poderiam comprar terras, estabelecer lares, construir cidades.

Mas tal não aconteceria. Os novos e os ve-

lhos colonizadores tinham pouco em comum. A economia de Missouri, como a do Sul, havia sido construída na base da escravatura. A opressão sôbre qualquer sêr humano estava na ordem direta da oposição básica da crença mormom da liberdade para todos homens. *"Os homens existem para que possam ter alegria"*, ensinava o seu Profeta.

Com a vinda de tantas pessoas para o Estado, e, especialmente para um determinado condado, os velhos colonizadores perceberam um quase certo desiquilíbrio na fôrça política. Por outro lado, as crenças e doutrinas dos recém-chegados eram tão estranhas e diferentes a ponto de causar alarme. Os mormons tinham a audácia de declarar que Deus é um sêr amoroso com corpo, partes e paixões, cuja obra e glória é conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem, tinha realmente falado de novo com o homem, restaurado o evangelho em sua plenitude e restabelecido Sua Igreja segundo o padrão da organização que Jesus estabeleceu quando esteve sôbre a terra. Êles acreditavam que a divindade era composta de três indivíduos distintos e separados. Os homens, todos os homens, de acôrdo com seus ensinamentos, eram real e literalmente filhos e filhas de Deus, a cuja semelhança êles foram criados.

Tais novos e elevados conceitos sôbre Deus e o homem eram completamente heterodoxos e estavam além da compreensão de muitas pessoas, que consideravam os ensinamentos quase como heresia.

A incompreensão, a desconfiança e o preconceito entravam em violenta corrupção. Os apelos ao govêrno e às cortes foram infrutíferas. As tentativas de encontrar a paz em outros condados falharam. Finalmente os mormons deixaram Missouri sob uma ordem de "extermínio" do governador.

Em Illinois, durante um breve período, a atormentada Igreja encontrou asilo. A cabeceira das corredeiras de "Des Moines", onde o poderoso Rio Mississipe faz uma curva para o oeste, Joseph Smith comprou para o seu povo, em 1839, várias centenas de acres de terra, num deserto virtual então chamado Comércio. Mudando o nome para Nauvoo, que quer dize- " A bela" o povo principiou a trabalhar de novo para se estabelecer e construir casas, igrejas e escolas.

Logo no comêço de 1843 a população da "Cidade dos Santos" elevava-se entre doze a dezesseis mil. Foi estabelecido um govêrno e organizado o seu programa. O crescimento continuou até que Nauvoo se tornou a maior cidade de Illinois. Os visitantes elogiavam a beleza da comunidade, a indústria e a sobriedade de seus habitantes. O trabalho progredia na construção de um belo templo no qual as sagradas ordenanças, tal como o casamento pudessem ser realizadas. O casamento com os preceitos da Igreja Restaurada, era ordenado por Deus e realizado de modo próprio por homens que tivessem autoridade, duraria através das eternidades. A expressão: "Até que a morte vos separe" não tem lugar nas cerimônias de casamento dos Santos dos Últimos Dias.

Em seus templos êles também realizariam o trabalho, por procuração, para seus ancestrais mortos, que, talvez não tivessem tido a oportunidade de ouvir a verdade quando estiverem na terra, demonstrando sua crença de que Deus não faz acepção de pessoas mas que todos os homens em tôdas as idades teriam uma oportunidade de exaltação na vida futura.

Mas os mesmos problemas que haviam atormentado a Igreja em outros lugares, tiveram princípio em Nauvoo. As divergências políticas, juntamente com as crescentes evidências de intolerância e perseguição, logo convenceram o Profeta de que as tragédias precedentes se repetiriam.

Em 20 de fevereiro de 1844, êle escreveu em seu diário: "Instruí aos doze apóstolos para que enviassem uma delegação a fim de investigar locais da Califórnia e Oregon, e descobrir um bom lugar para onde pudéssemos mudar após ter sido completado o templo. Um local bem alto nas montanhas onde pudéssemos construir um dia uma cidade, e tivéssemos nosso próprio govêrno, de onde nem o diabo pudesse nos alijar, para vivermos num clima saudável e pudéssemos viver por muito tempo." No oeste êle nada podia divisar a não ser as tenebrosas nuvens negras e trevas, mas, êle disse muitas vêzes que havia "Luz no oeste".

A hostilidade e a oposição à Igreje se desenvolveram tão ràpidamente contudo, que a comis-

são de reconhecimento nunca foi enviada. Quando a tempestade soprava com incrível violência sôbre Nauvoo, Joseph Smith e seu irmão Hyrum, cruzariam o rio Mississipe refugiando-se no território de Iowa. Mas o exílio pouco durou, pois muitos pediram que Joseph Smith voltasse, se entregasse e enfrentasse a prisão e julgamento pela acusação de traição que pesava contra êle.

Joseph Smith não temia o julgamento. Antes êle havia sido detido quarenta e seis vêzes por falsas acusações, mas nunca foi prêso. Agora, de qualquer modo a despeito da promessa, a fúria da turba parecia acreditar que com sua morte terminaria a Igreja Mormon.

"Se minha vida não tem nenhum valor para os meus amigos", disse êle a seus companheiros, "nenhum valor tem para mim". Atravessando de novo o rio, êles caminharam para Carthage, onde o governador e uma turba sedenta de sangue estava esperando. Ao se aproximarem da cidade Joseph disse:

"Estou indo como um cordeirinho, para o carniceiro; mas estou calmo como uma manhã de verão; tenho a consciência limpa perante Deus, e perante todos os homens, morrerei inocente e um dia dirão de mim: "Êle foi assassinado a sangue frio". Isto foi no dia 24 de junho de 1844. Três dias mais tarde a turba irrompeu pela cadeia de Carthage, onde Joseph e seus companheiros tinham sido colocados em segurança e mataram a êle e a seu irmão. Joseph Smith, o Profeta Americano, selara seu testemunho com sangue.

Aquêles que pensaram que com a morte de Joseph terminaria a Igreja estabelecida através d'êle, ficaram inteiramente desapontados. Conquanto houvessem muitos com o coração magoado, não houve pânico em Nauvoo após o assassínio. "Fiquem calmos e saibam que o Senhor é Deus" foi a frase que guiou o povo. O Conselho dos Doze Apóstolos, tendo Brigham Young como presidente, assumiu a liderança. A organização da Igreja e as funções continuaram quase que ininterruptamente. O Senhor havia preparado bem para a morte do Profeta. Nem mesmo a morte do Profeta trouxe um fim à perseguição. O preconceito continuava a endurecer os corações do povo. O programa do govêrno de Nauvoo foi rejeitado. Illinois exigia que os mormons deixassem o estado.

Que podiam fazer? Onde iriam? Renegar sua religião, não podiam! Ela significava para êles mais que casas ou a própria vida. Negar seus testemunhos? Impossível! Como podiam repudiar o que sabiam ser verdadeiro?

Havia sòmente uma resposta. Seguiriam o plano de seu Profeta martirizado. Iriam para o oeste, para as Montanhas Rochosas. Lá poderiam erigir casas que não seriam queimadas, templos que não se renegariam. Lá podiam adorar a Deus como lhes aprouvesse!

O honorável Thomas Drew, governador de Arkansas, escreveu uma carta aos líderes da Igreja:

"Eu... de bom grado concordo com o plano de emigração por vós proposto... colocando assim vossa comunidade fora do alcance da contenção até que pelo menos, tenhais tempo e oportunidade de provar a praticabilidade de vosso sistema, e desenvolver suas vantagens superiores planejadas na melhoria de condições da raça humana, acrescentando as bênçãos da liberdade civil e religiosa... Caso os Santos dos Últimos Dias emigrem para Oregon levarão consigo a benevolência dos benfeitores e as bênçãos de cada amigo da humanidade. Se estiverem errados, seus erros serão diminuidos com grande grau de permissão, e se estiverem certos, a emigração constituirá uma oportunidade de torná-lo manifesto no devido tempo a todo o mundo civilizado".

Pediram seis meses. Tempo suficiente para dispor de suas propriedades, tempo para construir carroções e comprar cavalos e bois para puxá-los, tempo para reunir um suprimento de alimentos para sustentá-los durante o trajeto de mais de 2.400 quilômetros de planícies.

Dois mil e quatrocentos quilômetros até o Vale das Montanhas! Meio continente ficaria entre êles e seus perseguidores! Sua trilha compreendia 100 quilômetros através do território de Iowa esparsamente povoado, depois, além do Rio Missouri, através das terras dos Omakas, dos Sioux, e dos Utes, havia mais de 1.500 quilômetros fora da orla da civilização.

Seis meses não seria pedir muito. Mas a população estava impaciente e a violência aumentou. Além disso dizia-se que o govêrno federal podia interferir para barrar seus planos. Isto êles não deixaram acontecer. A Igreja deve ser

protegida da fatalidade que seu Profeta enfrentou.

O inverno ia a meio, frígido e tempestuoso. Era 4 de fevereiro de 1846, quando os primeiros exilados disseram adeus aos seus lares e atravessaram o rio para enfrentar os elementos da natureza e os selvangens.

Logo o serviço de travessia funcionava dia e noite. A quinze daquele mês os 1.600 metros de largura do Mississipi, ficaram tão congelados que tôda uma grande companhia foi capaz de atravssá-lo sôbre o gêlo. No fim de abril a maior parte dos mormons havia deixado a cidade.

Imagine-se os problemas que acarretam com a mudança de tôda uma cidade para o deserto. Muitas daquelas pessoas não estavam acostumadas com os rigores daquela vida. Seus perseguidores esperavam que perecessem nas planícies.

Por terem que sair às pressa, muitos dêles foram mal preparados para tal jornada. Na primeira noite que a companhia acampou em Sugar Creek, a 16 quilômetros de seus confortáveis lares, nove crianças nasceram nos carroções ou em abrigos grosseiros que haviam sido levantados para dar alguma proteção contra o frio e a tempestade.

Mas o acampamento foi levantado logo; os olhares fitavam novamente o oeste; cada dia era feito algum progresso através das profundas neves do inverno e das chuvas e lama da primavera. As orelhas e os pés congelados, e as incontáveis experiências da jornada eram coisas triviais em comparação com a perseguição que ficara atrás. À noite, após um dia fatigante, os Santos escavavam a neve e dansavam até que o inóspito prado refletia os sons de seus instrumentos de metais, batidos das mãos e dos pés.

"Plantai para que outros possam colher! Tornou-se a palavra de alerta. Quando terminou a primavera e veio o verão, centenas de acres de terra ao longo da trilha foram arados e plantados pelas companhias avançadas da infindável coluna de exilados. As companhias subseqüentes cultivariam, e quando fôssem época da colheita, outros ainda colheriam.

Nesse meio tempo os Estados Unidos se envolveram numa guerra com o México. A 26 de junho adentraram o acampamento de Mt. Pisgah três cavalerianos portadores de uma "Circular aos Mormons", convidando-os a fornecer quihentos voluntários para se unir ao exército e marcharem para a Califórnia.

Os líderes da Igreja haviam procurado auxílio do govêrno, e conquanto êste estivesse longe de ser a espécie de auxílio que teriam escolhido, no entanto, Brigham Young viu nêle um prelúdio de paz e uma oportunidade para demonstrar ao povo dos Estados Unidos que os Mormons eram leais à América. Assim, muito embora êle soubesse que para preencher o exigido êle sobrecarregaria um povo já duramente oprimido, deixando muitas famílias para desbravar as planícies sem auxílio dos pais ou dos rapazes já desenvolvidos. Brigham Young encorajou os homens a se alistarem, tendo sido organizada uma companhia de quinhentos homens.

A história da marcha do Batalhão Mormon através de Kansas e por tôdas regiões inexploradas daquilo que é hoje o Novo México, Arizona e Califórnia, uma jornada que é relatada como a mais longa marcha de infantaria da história, é um vibrante acontecimento. Os homens finalmente reuniram-se às suas famílias nos vales das montanhas.

No outono de 1846 cêrca de 15.000 pessoas com 3.000 carroções, 30.000 cabeças de gado, grandes rebanhos de carneiros, e muitos cavalos e bois moveram-se para o Rio Missouri. Ali, decidiram, êles passariam os meses frios, e começaram a trabalhar para fazer os seus Acampamentos de Inverno tão confortáveis quanto possível. No comêço de janeiro cêrca de mil casas, muitas das quais menores que um abrigo no barranco, foram construídas.

Foi um inverno duro. A mal nutrição, a roupa e abrigos inadequados, e uma epidemia de "Cancro negro" combinaram para sua devastação. Testemunha disto é o bem conservado cemitério sôbre as colinas acima de Florence, Nebrasca, onde seiscentos dentre êles alí repousam.

Finalmente veio a primavera, e os "acampamentos de Israel" de novo rumaram para o oeste, com uma companhia avançada liderada por Brigham Young e os Doze Apóstolos assinalando a trilha.

Findava o mês de julho quando êsses pionei-



ros adentraram o Vale do Grande Lago Salgado, que Brigham Young declarou ser o lugar escolhido para êles povoarem. As dúvidas de Jim Bridger de que o milho não crescia na Grande Bacia não assustaram aquêle destemido líder. Súplicas de algumas das pessoas para seguirem para a Califórnia não tiveram efeito.

Sôbre "Ensign Peak" de onde um pequeno grupo de homens divisou o Vale em 26 de julho, Brigham Young declarou:

"Agora, irmãos, organizem seus grupos de exploração de modo a ficarem resguardados dos índios, vão e explorem onde desejarem, e voltarão aqui tôda vez e dirão que aqui é o lugar certo".

Mais tarde êle disse que "soube no Templo de Nauvoo que podíamos cultivar o milho aqui", que êle viu o vale em visão um ano ou mais antes de adentrá-lo.

"Nos dias de Joseph", escreveu êle, "sentamos certa ocasião por muitas horas conversando sôbre êste mesmo lugar... Não quero que os homens pensem que tive qualquer coisa a ver com a nossa mudança para aqui; foi a providência do Todopoderoso, foi o poder de Deus... eu nunca poderia ter idealizado tal plano".

Algumas horas depois que a vanguarda do grupo atingiu o vale, êles escolheram um pedaço de terra e haviam começado a prepará-lo para plantar. Quando o solo se mostrava tão sêco e duro para ser trabalhado, êles represaram um dos riachos que fluíram das montanhas e inundavam as terras ressequidas — o comêço da moderna irrigação na América do Norte.

Realmente êles não tinham tempo a perder. A estação estava já perigosamente tardia e Jim Bridger havia avisado das primeiras nevadas nas montanhas. A plantação foi acelerada, e dentro de poucos dias certo número de acres de cereais estavam plantados.

Pelo inverno os imigrantes tinham elevado a população do vale para 2.100 almas, nesse meio tempo foram construídas escolas, a cidade foi traçada, campos e jardins foram cercados com varas das montanhas; um lugar para o Templo foi escolhido; um forte de dez acres de grossa madeira e adobe sêco ao sol e muitas casas de madeira e adobe foram construídas. Brigham

Young e sua companhia de homens voltaram aos acampamentos de inverno para guiar mais pessoas para o vale no ano seguinte. Não havia lugar para o ocioso entre os mormons.

As raízes de lírio que deram a Utah o nome de "Estado-Florido" juntamente com cardos e ervas pé-de-pato, ajudavam a formar a escassa dieta. O trigo, o milho, e as batas deviam ser economizadas para semente.

Na primavera, cêrca de seis ou cinco mil acres de terra foram preparados e semeados. Junho prometia uma boa colheita, mas quando a semente estava brotando, nuvens devastadoras de gafanhotos, invadiram os campos viçosos. Frenèticamente os novos colonizadores cuja própria existência dependia dêstes poucos acres de plantações, lutaram contra êles com todos os meios que podiam — com vacas, pás e vassouras; com valas, fogo, água. Mas ainda assim êles continuavam vindo, "descendo como um dilúvio de água turva vindo do lado das montanhas". Os pioneiros foram incapazes de combatê-los.

Mas êsse povo fiel, que havia atravessado um continente para encontrar a liberdade religiosa, não era esquecido em seu tempo de necessidade. Para a salvação vieram grandes bandos de gaivotas, voando em círculos e soltando guinchos agudos, que atacaram as hordas da morte negra com voraz apetite. Isto continuou dia após dia até que raramente era encontrado um gafanhoto no vale.

Hoje a gaivota é o pássaro do Estado de Utah. Na Praça do Templo (Temple Square) em Salt Lake City há um magestoso monumento encimado por duas gaivotas, erigido em honra "da misericórdia de Deus para com os pioneiros mormons" .

Brigham Young, naquele outono, levou mais 2.500 pessoas para o vale, e o trabalho de colonização continuou. Em 1850 a população estimada do território era de 15.000, em 1856, mais de 76.000. Mas 85.000 imigrantes fizeram a jornada entre 1847 e a vinda da estrada de ferro em 1869. Muitos dêles caminharam todo o percurso puxando ou empurrando carrinhos de mão. Muitos deixaram filhos, espôsas, ou maridos em seputluras rasas ao longo da trilha. Sòmente duas companhias de carrinhos de mão partindo tardiamente na estação e sendo surpreendidas pelas primeiras nevadas e tempo frígido, perderam 222 de seus componentes, mais que um para cada cinco, devido à fúria dos elementos.

Do primeiro povoado no mar Salgado os colonizaodres se espalharam em tôdas as direções como os raios de uma roda, sob a inspirada liderança de Brigham Young, considerado por muitos como um dos maiores colonizadores na história da América. Êstes colonos não só contribuiram grandemente para o estabelecimento e crescimento de Utah, como também do Arizona, Nevada, Califórnia, Idaho, Wyoming, Montana e Colorado. Até mesmo o México e o Canadá, onde foram estabelecidas colônias, foram tocados pela influência dos mormons.

Construir o oeste não era fácil. Havia índios para alimentar ou combater, desertos para civilizar, rios para conquistar, irrigação e cultura a desenvolver; havia casas, escolas, igrejas, templos, estradas, pontes e moinhos a serem construídos; havia conversos a fazer e ainda muito preconceito a sobrepujar.

Mas o sofrimento torna os homens fortes, e exatamente como predisse o Governador Drew, no Oeste os Santos dos Últimos Dias tiveram "tempo e oportunidade de provar a praticabilidade" de sua religião.

Os membros da Igreja atingem agora a mais de 1.500.000, concentrados mais fortemente nos Estados do oeste, mas com substancial representação em todos os Estados da União, no Canadá, México, Américas Central e do Sul, Europa, Japão, Austrália, Nova Zelândia, ilhas do Pacífico, África do Sul, Extremo Oriente e quase todos os países do globo.

Desde os primeiros dias quando as escolas funcionavam em carroções cobertos, os Santos dos Últimos Dias, crendo que a "glória de Deus é inteligência" e que "um homem não pode ser salvo sem ter conhecimento", estabeleceram um prêmio para educação.

Uma investigação feita por Edward L. Thorndike da Universidade da Califórnia baseado em Who's Who na América, líderes em Educação, e Homens Americanos da Ciência, mostrou que Utah lidera todos os Estados tanto em número de homens da ciência como na base de percentagem. Uma outra investigação alista Utah em primeiro lugar em realização educacional na América, embora tenha sido classifi-

cado em 32.º lugar em capacidade para sustentar a educação.

Outros relatórios mostram que sessenta mormons em cada mil freqüentam o ginásio — mais de três vêzes de média para os Estados Unidos; cêrca de nove em cada mil freqüentam os colégios e as Universidades — quase duas vêzes mais a média dos Estados Unidos. Existem também entre êsse povo uma grande preponderância de graduados nas universidades e de detentores dos graus de mestre e doutores do que entre qualquer outro povo na América.

Os mormons fizeram uma indescritível contribuição para a paz e fraternidade. Pregando o evangelho da liberdade, de amor e boa vontade, doando seu tempo e pagando suas próprias despesas, os missionários, têm circundado o globo por mais de um século. A Igreja hoje tem mais de 5.000 missionários com tempo integral através do mundo.

O mundialmente famoso Côro do Tabernáculo de 375 vozes juntamente com o seu órgão e a "The Spoken Word" por Richard L. Evans tem trazido confôrto e inspiração a América tôda a manhã de domingo durante vinte e oito anos. O mais velho programa apresentado de costa a costa e de custeio contínuo. Em 1955 o Côro fêz uma jornada que alcançou inteiro sucesso na Europa dando quatroze concertos nas doze maiores cidades.

A Igreja cuida das necessidades sociais e recreativas de seus membros. Como parte dêsse tremendo programa ela dirige aquilo que é considerdao a maior liga de bola-ao-cesto do mundo. Em 1956-57, participaram mil e cem equipes "Senior", e mil e quatrocentos equipes "Junior".

Por de trás do programa de bem estar da Igreja está a filosofia de que tôda pessoa deve tomar conta de suas próprias necessidades através do trabalho e economia. Quando isso não é possível em virtude de doença, danos, fogo, ou enchente, a Igreja toma a responsabilidade evitando assim que seus membros venham a ser blemas públicos.

No cenário nacional os Mormons têm contribuído com personagens distintas, o Secretário da Agricultura, no Govêrno do Presidente Eisenhower, Secretário da Fazenda dos Estados Unidos e muitos outros.



Presidente David O. McKay, nasceu a 8 de setembro de 1873, em Huntsville, no estado de Utah; foi ordenado um Apóstolo em 9 de abril de 1906; apoiado Presidente da Igreja em 9 de abril de 1951; dedicou quatro templos e viajou mais de meio milhão de milhas como Apóstolo e Presidente da Igreja.

As capelas dos Santos dos Últimos Dias ficam cheias aos Domingos. Durante a semana, o trabalho, o estudo e organizações recreativas tumultuam em atividade. A Primária para as crianças, a Mútuo para os jovens, atividades especiais para as mulheres, para os homens e para tôda a família, esportes e acontecimentos atléticos, exotismo, dansas, jantares, músicas, dramas e palestras.

Em religião, em trabalho, em ciência, nas artes, em educação, e em obras públicas, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm-se distinguido, demonstrando as palavras do Salvador: "PELOS SEUS FRUTOS OS CONHECEREIS".

A luz que o Profeta Joseph Smith viu no oeste brilha intensamente. ■

Pertetuando o Propósito do Lar

por ALMA SOMME
Assistente do Conselho dos Doze

A nossa civilização repousa em três colunas: o Lar, a Escola e a Igreja. Destas, o lar é a mais importante, pois produz no povo as qualidades que mais decisivamente determinam seu desenvolvimento social, cultural e espiritual.

O lar hoje se encontra rodeado de circunstâncias adversas. Fôrças insidiosas incontáveis se encontram em ação para solapar e enfraquecer a sua influência. Milhares de progenitores começam a compreender, embora tràgicamente tarde, que não existe substituto para um bom lar.

Muitos pais privaram seus filhos do direito de uma oportunidade justa na preparação da luta para a vida. Êsses mesmos pais sem o saber se privaram das excelsas alegrias que advêm para os que têm filhos e filhas.

O lar dos Santos dos Últimos Dias é uma herança cristã. Essa herança alimentou os ideais do lar como uma instituição divina. A sua preservação é uma solene obrigação que se impõe tanto aos pais como aos filhos. Ela é a semente da virtude e integridade.

Pouco sabemos a respeito da infância do Salvador. A história mantém grande silêncio quanto as influências e condições prevalecentes no lar de José e Maria a não ser que Jesus foi o mais velho de cinco irmãos e duas irmãs. A Sua vida doméstica deve ter sido idêntica à Sua natureza divina pois Êle "crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sôbre Êle. E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens".

Maria foi divinamente designada antes de Jesus nascer e a sua capacidade para o elevado compromisso da maternidade pode, indubitàvelmente, ser tida como certa. Não é difícil fazer uma idéia dêsse lar com Maria como dona de casa, preparando as refeições, mantendo a ordem na sua modesta casa, cuidando das crianças em tôdas as suas enfermidades, aconselhando-se com o seu marido, José, o carpinteiro, que, sem dúvida, ensinou sua profissão aos filhos e fê-los reconhecer as virtudes do trabalho árduo e da dignidade dos labores manuais.

Podemos concluir do conhecimento de Jesus das escrituras que Maria e José implantaram indelèvelmente nas mentes dos filhos as histórias e ensinamentos da palavra de Deus. Os pais eram tradicionalmente leitores das escrituras. O Velho Testamento que estava inteiramente ao alcance de Maria e José forneciam um alicerce indestrutível para a moralidade. As escrituras, tanto as antigas quanto as modernas quando lidas em casa são um salvaguarda contra a infidelidade e o ceticismo. Elas inspiram tanto aos homens quanto as mulheres que possuem uma fé inabalável em Deus para sustentá-los na jornada da vida.

A derrota da pobreza e o bem estar econômico da família começam no lar. Não há maior espetáculo do que o de um jovem e uma senhorita unindo as mãos em santo matrimônio, heròicamente enfrentando a batalha e a vida, construindo um lar, fornecendo os confortos necessários, e organizando seus esforços em direção à meta planejada. O seu quinhão serão os frutos da vitória e do sucesso. A frugalidade é a palavra base.

O problema de renda e receita é um repto contínuo. O manejo correto e apropriado do lar, torna-se, eventualmente responsabilidade de tôda a família. A cooperação e o planejo meticuloso são necessários e desejáveis. "A estravagância prolonga as horas", disse Calvin Coolidge, e diminue as recompensas do trabalho.

Os acontecimentos moveram-se ràpidamente durante as últimas décadas. Foi uma época de gastos descuidados. Temos adquirido coisas luxuosas e confortáveis como nunca. Há os que tentam desesperadamente ultrapassar os seus vizinhos e amigos independentes dos meios de que dispõem. A paixão pelos prazeres e exibicionismo constituem uma séria ameaça para o lar. Destroi os laços familiares, e deixam de la-

Uma ajuda para a Lição de Mestres visitantes para o mês de Setembro

do as virtudes fundamentais de honestidade, economia e industriosidade.

A economia é uma das necessidades prepoderantes de qualquer lar. Ela faz reservas para o futuro e protege a família ou o indivíduo contra as emergências que possam redundar em desastre. A adoção de um programa de economia inspirará confiança, criará iniciativa, e garantidamente desenvolverá o caráter. A economia é essencial ao nosso bem estar econômico e financeiro.

O lar não é sòmente a unidade da sociedade civilazada; êle é também o coração da civilização. Na qualidade da mais antiga instituição no mundo, o lar forneceu o alicerce de todos os governos humanos. A família é o produto do lar. Os maiores incentivos para o bem, a honestidade, boa-conduta e sobriedade — são derivados do profundo sentido da obrigação familiar. Mas nestes tempos modernos em que vivemos, a vida familiar começa a se desfazer e os antagonismos matrimoniais tendem a multiplicar-se. A santidade do convênio do casamento está sendo desconsiderada e ignorada. Em muitos lugares as qualidades religiosas desapareceram completamente e os votos matrimoniais são feitos impensada e irreverentemente. Os resultados são aparentes nos tribunais de divórcios e nos lares divididos, famílias desrespeitadas, crianças indisciplinadas, pais desapontados nas manifestações de criminalidade que são tão flagrantes e correntes.

Qual é a resposta a uma condição tão desencorajadora e perigosa? Não é uma vida familiar centralizada ao redor de ideais e padrões espirituais, como os que foram estabelecidos pelos pioneiros que estabeleceram o alicerce do progresso e da estabilidade? Deve-se restaurar o conceito espiritual da família com o pai como o chefe da unidade familiar.

Foi sob as condições de desintegração familiar que Jesus apresentou Sua condenação do divórcio. A união matrimonial é sagrada para Êle. O marido e a espôsa se pertencem mùtuamente, e é claro que existe uma relação eterna. Espera-se que ambos observem os mesmos princípios e padrões.

Êstes ensinamentos são básicos para o nosso entendimento da finalidade do lar. Como podemos perpetuar essa finalidade?

Hoje o mundo está crescendo numa complexidade cada vez maior. As transformações são súbitas e de grande alcance. Métodos de comunicação altamente técnicos em certos respeitos, estão complicando a comunicação no lar. A televisão, o rádio, e o cinema estão concorrendo para desviar a atenção da juventude. Em vista de tal concorrência é, às vêzes, difícil conseguir com que as relações na família não sofram colapso.

Com o contínuo progresso da técnica, a tarefa torna-se mais espinhosas. A velocidade dos acontecimentos, os interêsses diversificados e as modernas distrações no seio da família mesmo quando estejam fìsicamente juntos, tendem a criar problemas e dificuldades na unidade familiar.

As crianças começam a enfrentar um perigo cada vez maior de conhecer aos seus pais cada vez menos hoje em dia do que as crianças das gerações passadas. Sòmente um estudo sério e cuidadoso poderá impedir que a frágil linha da comunicação familiar se quebre. Não é que os pais não sejam conscienciosos e bons, mas os seus esforços para comunicar esta bondade e integridade pessoal aos seus filhos poderão se perder na luta competitiva para captar a atenção dos seus filhos.

Pais que trabalham e se preocupam com atividades sociais e comerciais estão numa desvantagem crítica neste desafio de comunicação. Pode tornar-se tentador tomar o "caminho fácil" e adiar as responsabilidades da família. A tão usada decisão de que "eu posso esperar até amanhã" pode ser fatal. O amanhã virá e ir-se-á e com êle podem vir e ir os laços dos filhos.

A responsabilidade da família começa com os pais. Essas responsabilidades não podem ser

transferidas para a escola ou para a Igreja. Os pais devem assumir sua responsabilidade como se fôssem sòmente dêles, como se não houvessem agentes substanciais para ajudá-los. Com êste ponto de vista, os pais não podem supor coisa alguma, e o que quer que seja adicionado fora de casa, adiciona muito mais às virtudes e amor que são ensinados no círculo familiar.

A construção do lar é importante para o crescimento, tanto dos pais como dos filhos. Quando os pais estão com os filhos, êles geralmente estão melhor. Os pais crescem em conseqüência do seu desejo de ser um exemplo. Então, o amor se expande na bondade e compreensão que tal parentesco cultiva. Os filhos ajudam os pais, e os pais ajudam os filhos em seu desenvolvimento mútuo. É um círculo divino. Conforme os pais os amam, os filhos respondem àquele amor e o armazenam na fonte de seu caráter, os ideais que os guiarão como pais em seus futuros lares.

Em outras palavras, se os pais estabelecerem o padrão em suas próprias casas, êste se tornará um padrão que pode ser perpetuado nos lares de seus filhos. Desta maneira os filhos aprenderão as técnicas e ideais de boa vida familiar e crescerão sentindo que o lar é um santuário de fôrça e amor, e o propósito do lar será perpetuado de geração a geração. Nossos exemplos hoje são as raízes dos lares de amanhã.

O lar depende da Igreja e do sacerdócio para sobreviver como uma instiutição eterna. O convênio do casamento para êste período e tôda a eternidade é realizado através e pelo Santo Sacerdócio. Para ser elegível a êste parentesco eterno, os pais e filhos precisam provar-se dignos por guardar todos os mandamentos. O lar, a Igreja, e os quoruns do sacerdócio são uma unidade para prover os caminhos e maneiras para a exaltação no reino celestial, A perpetuidade do lar e da família vêm como resultado de um viver limpo, de uma conduta honrada diante de Deus e dos homens, de uma demonstração de fé no verdadeiro Deus vivente e no evangelho restaurado de Jesus Cristo e pela observância de tôdas as leis e ordenanças pertencentes ao plano de vida e salvação. Não há outro caminho. ■



Ensinar a Primária... Eu?!

(continuação da página 199)

sinar. Outra investigadora, depois de anos de interêsse pela Igreja finalmente aceitou o batismo, depois que seu filho começou a freqüentar a Primária que eu pensara ser perda de tempo. Ela hoje faz parte do Conselho da Primária. E há outros mais.

Talvez que a maior alegria de tôdas tenha sido a que tive durante uma recente visita ao meu antigo campo de trabalho. Uma simpática jovem que estivera participando da reunião se aproximou de mim dizendo: "Na certa você se lembra, não Elder?" Um pouco confuso, confessei que realmente não a conhecia. E veio a resposta: "Pois você deveria, uma vez que foi você quem me ensinou a lavar o rosto e pentear os cabelos". Depois de uma curta pausa ela acrescentou: "E agora eu estou na Igreja". Ainda me lembro bem das palavras de Ray E. Dillman, meu presidente de missão. "Elder, a vida é cheia de coisas que não queremos fazer, seja servir no exército, seja aceitar uma outra responsabilidade — mesmo a de ensinar Primárias ou servir missão no Nebrasca. Não se esqueça, porém, que cada desafio dêsses traz consigo também uma bênção. Queira sempre aceitar os desafios que receber e as suas experiências se tornarão em seus milagres pessoais".

Ensinar a Primária... EU?! POIS CLARO!

Sua Dúvida

(*continuação da página 197*)

1.º) Que querem tomar sôbre si o nome do Filho.
2.º) Que sempre se lembrarão d'Êle.
3.º) Que guardarão os mandamentos que Êle lhes deu.

Como tomamos sôbre nós o nome do Filho?

A Igreja é chamada segundo Seu nome, e devemos lembrar que partilhando do sacramento, reconhecemos Sua mão em nossa redenção da morte, que é uma dádiva para todos os homens, e na remissão de nossos próprios pecados, que vem através de nossa obediência e observância dos mandamentos.

O Rei Benjamim deu-nos um excelente esclarecimento sôbre o que significa tomar sôbre si o nome do Filho. Devido ao convênio que fazemos somos espiritualmente gerados filhos e filhas de Jesus Cristo. Tornamo-nos Seus filhos e filhas porque Êle nos redimiu e deu-nos vida, derrotando assim o poder da morte. Disse êle:

"E sob esta cabeça sereis salvos, e não há nenhuma outra cabeça pela qual podereis ser libertados. E não há nenhum outro nome pelo qual se obterá a Salvação; eu quisera, portanto, que tomásseis sôbre vós o nome de Cristo, todos vós que prometesteis a Deus ser obedientes até o fim de vossas vidas.

E acontecerá que quem cumprir isso, será encontrado ao lado direito de Deus, porque saberá o nome pelo qual será chamado: pois que será chamado pelo nome de Cristo.

"E acontecerá que aquêle que não tomar para si o nome de Cristo, deverá ser chamado por outro nome; portanto, êsse se encontrará ao lado esquerdo de Deus.

"E quisera que vos lembrásseis, também, de que êste é o nome que Eu disse que vos daria e que nunca seria apagado, a menos que o fôsse pela transgressão; tomai, portanto, cuidado para não transgredir, para que o nome não se apague de vossos corações.

"E digo-vos mais: eu quisera que vos lembrásseis de guardar sempre êste nome escrito em vossos corações, para não serdes encontrados ao lado esquerdo de Deus, mas que possais ouvir e conhecer a voz pela qual sereis chamados, e, também, o nome pelo qual sereis chamado" (Mosiah 5:8-12.

Para "sempre lembrá-Lo" não significa simplesmente lembrar que Êle foi crucificado, mas ter sempre em mente as razões disso, e as bênçãos que advem sôbre cada um de nós através de Sua morte e ressurreição. Devemos o grande sofrimento e o quanto lhe custou para levar a cabo a grande expiação. Devemos também lembrar que Êle, o fêz, por causa de Seu amor, não sòmente por aquêles que crêem n'Êle, mas também por todo o mundo: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho Unigênito, para que todo aquêle que n'Êle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

Pela sua expiação a ressurreição tornou-se universal, e tôda alma terá seu corpo devolvido ao Seu espírito, inseparàvelmente ligados, para jamais se separarem. Virá mais ainda para os verdadeiros crentes a remissão de seus pecados as bênçãos da vida eterna, que é morar na presença de Deus. Estas são as coisas de que nos devemos lembrar.

A terceira coisa é lembrar que em nosso convênio prometemos guardar todos os Seus mandamentos. Como pode um membro da Igreja partilhar do Sacramento e renovar os convênios, e sair desta sagrada reunião, e deliberadamente quebrar qualquer dos divinos mandamentos! Ao fazer semelhante coisa trazemos condenação para nossas almas. Será muito melhor para os membros da Igreja nunca partilharem dêsses símbolos, para renovarem êsses três convênios, que partilharem dêles e depois cometerem pecados. É, contudo, uma ordem solene do Senhor, que partilhemos do Sacramento. Aquêles que repetidamente não observam êste mandamento e não assistirem a essa reunião, perderão o Espírito do Senhor, pois Seu Espírito não habitará com aquêles que falham seguidamente na renovação dêstes convênios. Esta é a doutrina que Paulo tentou ensinar aos membros da Igreja em Corinto. ■

ATIVIDADES DOS GRUPOS DE ÉLDERES DO 1.º QUORUM DA MISSÃO BRASILEIRA — *Mês de Fevereiro de 1959*

Líder do Grupo	*Ramo Grupos*	*N.º de Élderes*	*% de freqüência nas Reuniões*		*Élderes em Missão*
			Sac.	*Sacr.*	
Dib Antônio Gay	Campinas	10	84,37	45,00	—
Frederico Rau	Ipoméia	7	46,84	50,00	—
Oscar Pieske	Joinvile	6	90,00	58,00	—
Arnaldo Gaertner	Ponta Grossa	—	53,12	—	—
Otto H. Klein	Pôrto Alegre	5	50,00	54,00	—
Jorge Aoto	Ordem	8	—	50,00	—
Luís Cunha Bueno	Rio Claro	5	71,00	90,00	—
Walter Spät	São Paulo	18	46,00	54,16	—
José Gruntoski	Curitiba	8	15,00	81,25	—

N.º de Élderes em outros Ramos: 30.

NOTA: Os itens não preenchidos o são por falta de Relatórios.

N.º de Élderes em outros Ramos: 18.

RESUMO DOS RELATÓRIOS DOS MESTRES VISITANTES

DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1958

DISTRITOS	% das Famílias Visitadas	% dos Mest. Visit. Pres. Reunião Relatório
Bauru	55	25
Campinas	38	30,5
Curitiba	40,5	19,5 (*)
Joinvile	46,3	29
Juiz de Fora	44	—
Pôrto Alegre	44	43
Rio Claro	47	59
Rio de Janeiro	20	18
São Paulo	53	23
Capital	70	70
MISSÃO	45,7	31,7

(*) Relatórios incompletos.

Sacerdócio da Missão

EDITORES: *Presidente Wm. Grant Bangerter e Harold L. Mickel*



RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE 9 DE ABRIL DE 1959

Acredito que de muitas maneiras, aqui e agora na mortalidade, podemos começar a aperfeiçoar-nos a nós mesmos. Poderemos atingir um certo grau de perfeição nesta vida. Creio que poderemos ser cem por cento perfeitos, por exemplo, em nos abster do chá e do café. Poderemos ser cem por cento perfeitos em nos abster do álcool e do fumo. Poderemos ser cem por cento perfeitos pagando nosso honesto dízimo. Poderemos ser cem por cento perfeitos em nos obster de tomar duas refeições no dia de jejum e dar à Igreja, como oferta de jejum, o seu valor em dinheiro.

Poderemos ser cem por cento perfeitos em guardar os mandamentos que diz que não deveremos profanar o nome do Senhor. Poderemos ser perfeitos em guardar o mandamento que diz: "Não cometerás adultério" (Ex. 20:14). Poderemos ser perfeitos em guardar o mandamento que diz: "Não furtarás" (Ex. 20:15). Poderemos nos tornar perfeitos em guardar os vários outros mandamentos que o Senhor nos tem dado.

Estou certo de que um dos grandes desejos do Senhor nosso Deus é que guardemos o grande mandamento que diz: "Sede pois perfeitos" (Mat. 5:48), e que possamos fazer tudo isso é a minha humilde prece em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Mestres Visitantes em Paralelo com Misisonários

UM dos momentos mais felizes de um missionário é quando êle converte um honesto investigador ao evangelho. Milhares de missionários declararam esta experiência como sendo o climax do trabalho missionário. Todo missionário almeja ter esta tão edificante experiência pelo menos uma vez durante a sua carreira no ministério.

Porque deve, a conversão daqueles que procuram a verdade, ser uma experiência enaltecedora? Jesus explicou que trazer almas para Êle é o trabalho mais digno que alguém pode realizar. Se é o maior trabalho, não há razão para que não traga a maior alegria àqueles que fervorosamente servem como missionários.

O trabalho dos Mestres Visitantes está em paralelo com o dos missionários. Dêles é também a responsabilidade missionária. O trabalho dos Mestres Visitantes é *o de conservar os membros convertidos.* Muitos Mestres Visitantes dão testemunho da alegria que receberam ao conseguir reavivar membros que eram indiferentes. Há pouca diferença entre a recompensa que os missionários receberão por trazer conversos à Igreja, e a compensação que os Mestres Visitantes podem esperar por trazerem de volta à atividade aquêles que se tornaram apáticos para com a Igreja.

Mestres Visitantes que não tiverem a satisfação de trazer alguém de volta à atividade deveriam aceitar o desafio, tornando-o um de seus objetivos para 1959. Isto adicionará muito à sua alegria de trabalhar tornando sua tarefa muito mais efetiva.

O Trabalho dos Mestres Vivitantes Feito Fervorosamente tem Ricas Recompensas

O professor que, com êxito, ensina os princípios do Evangelho, raramente não está incluido entre aquêles que apreciam seu trabalho. Onde quer que alguém vá, nesta grande Igreja, poderá observar aquêles que são respeitados devido à sua habilidade de ensinar. Lembramo-nos do hino: "Graças erguemos ao Rei Celestial por nossos docentes de nobre ideal".

Esta expressão caracteriza os sentimentos que os membros têm para

com os professores que acalentaram a sua fé e aumentam o seu entendimento.

A palavra "luz" é usada freqüentemente nas escrituras. O Salvador disse: "...Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). No Sermão da Montanha, Êle admoestou Seus discípulos: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mat. 5:16). A luz a que se referiu Jesus era aquela que aumentaria a visão e a percepção da verdade nas mentes de Seus seguidores.

Se um Mestre Visitante tem um propósito após o outro, deve ser para irradiar a luz. Para fazer isso, êle deveria ensinar as verdades do evangelho, de modo a trazer almas da escuridão para a luz.

A vida de Helen Keller é a história de um professor que trouxe luz para alguém que estava na escuridão. Helen Keller está pagando tributo à sua grande professora, Anne Sullivan, quando disse: "Ela libertou o meu espírito".

A Presidência do Quorum Informa

Dia 16 de abril do corrente ano, foi realizada a 6.ª Reunião Social do Grupo de Élderes do Ramo de São Paulo. Como nas vêzes anteriores, foi realizada na casa de um irmão, e desta vez, foi na casa do irmão Werner K. Sporl.

A reunião foi muito agradável, tendo comparecido regular número de Élderes e suas famílias. Após pequeno programa, saboreamos deliciosos quitutes e bolos trazidos pelos participantes.

Dia 10 de maio p.p. foi realizado um ótimo pic-nic, organizado pelo Grupo de Élderes do Ramo de S. Paulo, no belo terreno da futura capela, o qual podemos dizer que é maravilhoso local, todo arborizado e muito apropriado para êste fim. Tivemos esportes, brincadeiras e concursos. Obtivemos também renda para o fundo do Quorum e Construção.

A Presidência do Quorum mandou confecionar distintivos com as iniciais S.U.D. os quais podem ser adquiridos aqui em São Paulo, e em breve serão também enviados para os outros Ramos.

Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

Lição N.º 9 — Setembro de 1959

PERPETUANDO A FINALIDADE DO LAR

O lar é a habitação do homem. Êle é de origem divina, e é, portanto, uma instituição sagrada. O Lar foi, há muito tempo, reconhecido como o fundamento da comunidade e nação. Através das facilidades do lar tôdas as virtudes de uma sociedade nobre são preservadas. A raça humana é perpetuada; os alicerces do caráter são ausentes, a indústria é incrementada; riquezas são acumuladas, a arte é cultivada e a religião é mantida. As experiências do lar são os fatôres que determinaram o futuro da maioria dos homens. Nos lares onde os altos ideais são mantidos, os pais e não os professores assentam os alicerces de caráter, os princípios da economia, e fé em Deus, nos corações de seus filhos.

A presente civilização é o produto do lar, da escola e da Igreja. Dêstes três meios o lar é por certo o mais importante. McCullock em seu livro "Lar o Salvador da Civilização" diz, o seguinte: "Entre todos os fatôres que entram no ambiente de uma criança ou de qualquer pessoa para êsse fim, o lar é por certo o mais poderoso, tanto assim que pode se dizer que o lar pode formar ou destruir caráteres. A criança desde o dia de seu nascimento, até pelo menos, os doze anos, é tão dominada pelas influências do lar, boas ou más que ela é completamente incapaz de resistí-las. Uma grande responsabilidade pesa sôbre os ombros dos pais para criar boas influências no lar.

Desde o dia em que esta Igreja foi organizada, a definição do lar tem sido um de seus principais objetivos. O lar de acôrdo com a nossa crença, se devidamente estabelecido, é uma instituição permanente que durará através das eternidades. As fôrças do mal não estarão em atividade minando e ameaçando para enfraquecer o santuário do lar. Se o ensino prático que a criança deve receber no lar fôr negligenciado, a Igreja e a escola não podem de modo algum compensar a perda. Os pais devem esforçar-se para viver de acôrdo com a divina admoestação: "e êles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D. & C. 68-28).

Se os pais quizerem atingir essa meta com êxito, aqui estão alguns princípios básicos que devem receber atenção para o treino das crianças no lar:

1. *Implante em seus corações fé em Deus.*
2. *Saliente sempre a necessidade de viver em um plano alto de moral, salvaguardando assim a virtude e a castidade;*
3. *Ensine-as a serem obedientes e a viverem a lei;*
4. *Saliente a necessidade de serem honestos nas relações com o próximo;*
5. *Incuta nelas o desejo de aceitarem as responsabilidades no lar deixando-as tomarem parte nas tarefas diárias do lar;*
6. *Ensine-as a serem industriosas e a evitarem a indolência;*
7. *Eduque-as nos princípios da economia e da sobriedade.* ■



Noticiários do SEU RAMO

ATENÇÃO RAMOS

Enviem seus artigos para a secção "Seu Ramo" para o Escritório da Missão de maneira tal que cheguem no dia 10 de cada mês.

Inclua sòmente os ítens de maior interêsse para a Missão. Faça com que êsses artigos sejam acompanhados de distintas e ilustrativas fotografias.

Ramo de Sto. Amaro

★ É com prazer que podemos ver cada dia, o progresso do ramo como também a grande ajuda que os Élderes lhe tem prestado.

★ Tivemos no dia 4 *de abril* o batismo de Elizabeth Vassel, pelos Élderes Sorenson e Wiese.

Foi-se mais um. Esperamos que teremos daqui a pouco outros.

★ Dia 17 *de abril,* a A.M.M. deu um baile com lanche; vieram investigadores que gostaram muito e estão certamente esperando a próxima festa para poderem comparecer.

Já agora estamos preparando as festas juninas com churrasco, danças e muita alegria.

Esperando êste dia acabo meu relatório, pedindo a Deus que nos abençoe a todos, e que o Ramo possa sempre, sempre mais progredir para o bem.

Ramo de Niterói

★ 18 de março de 1959 — Neste dia fizemos uma festinha onde comemoramos o 117.º aniversário da fundação da Sociedade de Socorro. Fizeram parte desta várias irmãs e amigas da Igreja. A mesma foi dirigida pelo presidente da S.S., nossa irmã Nila Câmara que nos relatou a história da fundação da Sociedade de Socorro. A festinha foi iniciada com uma oração oferecida pela nosas irmã Luiza Ferreira, depois tivemos pela irmã Maria de Lourdes Casteki um pequeno relato do que foi a S.S. em 1958 em nosso Ramo. Contamos também com a presença de nossas queridas Sister Jackie e Sister Bodily.

Neste dia tivemos também o aniversário de nossa irmã Conceição Rodrigues De Seta e fizemos um pequeno lanche que foi oferecido pelas irmãs da mesma, e uma pequena lembrança foi oferecida a tôdas as senhoras e senhoritas.

E por fim formamos uma dupla eu e minha irmã Alda Lopes e apresentamos um número musical.

E finalizamos com uma oração oferecida pela nossa Sister Jackie.

Foi um dia muito feliz.

Ramo da Tijuca

★ 4 de abril — Mais uma realização memorável veio "acontecer" nesta data em nosso Ramo. Foi quando a A.M.M. liderou um programa de despedida ao nosso querido presidente do distrito, Elder Douglas C. Collier. Após um ano e três meses êste nos deixou e rumou para o "States", deixando saudades e também o seu nome na história do Ramo da Tijuca, devido aos seus inúmeros trabalhos. Para você, Elder Collier, muitas felicidades, são os sinceros votos dos tijucanos.

Nesta mesma noite, logo depois do programa especial de despedida, fomos "acontecer" mais uma vez na Praia Vermelha, onde fêz-se realizar um batismo. Êste foi bem diferente dos outros, pois, nestas alturas já eram 23 horas. Todos os membros presentes a A.M.M. locomoveram-se para a bela praia, dando assim um toque diferente de encantamento àquele belo recanto carioca. O nosso novo irmão chama-se: Lorival dos Santos. Parabens ao novo membro e que êste, tenha sempre em mente os convênios feitos com Deus nas águas do batismo.

★ 18 de abril — Data em que teve início a Conferência do Distrito. Era um sábado bem bonito e que a A.M.M. aproveitando realizou um baile, onde foram apresentados numeros especiais pelos outros Ramos. O tema era "Uma Viagem à Europa". Havia também os tradicionais comes e bebes. No dia seguinte às 10 horas houve então a 1.ª parte da Conferência e logo após, a Sociedade de Socorro deu um almôço, cujo fundo foi revertido para a próxima Conferência dos Jovens.

Às 14 horas houve a 2.ª parte, onde fêz-se ouvir o Presidente da Missão Brasileira, William Grant Bangerter. À noite foi apresentada a peça "Louvai ao Senhor" onde tomaram parte os membros do distrito.

Dêste modo a Tijuca "aconteceu" em mais uma Conferência do Distrito.

Leopoldo Batista

Ramo de Joinvile

★ A presidência da primeira Sociedade de Socorro organizada no Brasil ainda está unida depois de 26 anos de trabalho no Ramo de Jonvile.

Membros da Sociedade de Socorro de todo o país rendem a sua sincera e respeitosa homenagem às mães da primeira Sociedade de Socorro do Brasil.

A Sociedade de Socorro de Joinvile, foi organizada em outubro de 1933, contando com 24 senhoras. Através dos anos elas continuaram a contribuir para o desenvolvimento do Ramo e para o crescimento espiritual das famílias a êle pertencentes. Que o Senhor derrame sôbre elas as Suas bênçãos!

Os "Santos" Em Santos!

UM alto grau de realização no crescimento espiritual e social dos Santos dos Últimos Dias na área Santos-São Paulo, foi alcançado durante os três dias de fim-de-semana em maio, quando o Ramo de Santos hospedou os visitantes de São Paulo. Cêrca de 150 pessoas apareceram na tarde sexta-feira, quando houve um pic-nic na praia, tomando parte nos divertimentos e cooperando para o esplêndido espírito de irmandade que estava presente em abundância. Vários membros dos Ramos da Penha, Santana, Centro e Santo André, e muitos amigos da Igreja, excursionaram pelas praias favoritas de Santos. O Ramo de Vila Mariana destacou-se por ser o que prestou os serviços mais valiosos, principalmente por ter conseguido um ônibus que conduziu a todos. Um acontecimento que alegrou a todos foi a chegada do hóspede de honra, nosso querido Presidente Bangerter e Exma. Família. Depois de um bom tempo de brincar n'água, jogar volei, tirar fotografias e descansar das atividades que fazem um pic-nic divertido, tivemos um churrasco e refrescos oferecidos pelo Ramo de Santos. Com tais atividades saudáveis, a festa terminou naturalmente muito feliz, e os Santos de Santos querem agradecer aos paulistanos por terem ajudado no sucesso da jornada, e fazer um caloroso convite para que apareçam na próxima.

Na tarde do dia seguinte, sábado, Santos apresentou o seu Baile de Amizade e União, que foi um valioso auxílio para relacionar os membros dos vários Ramos. Uma atmosfera alegre prevaleceu nos acontecimentos e os que estavam presentes terão recordações agradáveis que os manterão felizes durante um bom tempo.

Os três dias de festa culminaram no domingo com a realização da Conferência do Ramo de Santos. O Espírito do Senhor foi sentido e foi de grande auxílio através das atividades. Os membros de São Paulo permaneceram em Santos para a primeira sessão da Conferência e voltaram aos lares à tarde. O Presidente Harold L. Mickle, Primeiro Conselheiro da Presidência da Missão Brasileira, presidiu durante a sessão da tarde. Suas palavras foram muito bem recebidas e muito agradaram, bem como as dos outros oradores.



Novos membros ingressam no Ramo.



Batismo... 6 de junho.

O que sentiam todo os Santos de Santos e São Paulo que participaram dêsse fim-de-semana, foi a ampla compensação do tempo e esforços dispendidos. Êles podem imaginar poucos meios melhores para passar um feriado do que com seus irmãos e irmãs no Evangelho, vivendo os princípios religiosos que Deus ordenou para o progresso eterno.





Coopere na Campanha Pró Divulgação D'A LIAHONA

Reminiscências da Missão



1.º Conselheiro H. L. Mickle



Presidente Wm. Bangerter



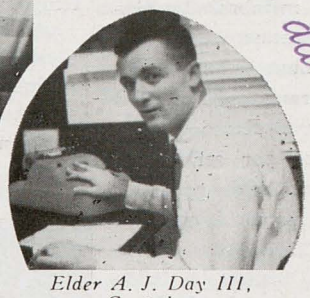
2.º Conselheiro D. B. Christenson



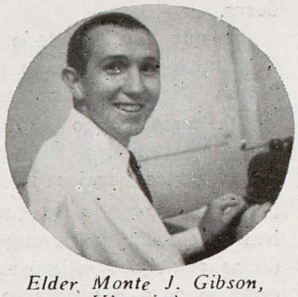
Sisters G. Bangerter & C. Wheeler, Presidente e Secretária da S. S.



Sister Joy Bodily, estenógrafa



Elder A. J. Day III, Contador



Elder Monte J. Gibson, Historiador



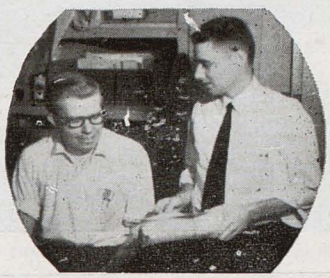
Elder D. T. Gossett, Genealogia



Elder Donald Phippen, Registrador



Elder M. B. Cox Jr. Impressor



Líderes H. D Groom & O. J. Stevens, Comissários



Elder John D. Hibbert, "A Liahona" & Traduções

OS PIONEIROS

pelo Presidente David O. McKay

Neste mesmo mês, há cento e doze anos atrás, o grande líder, Presidente Brigham Young, contemplou o Vale do Lago Salgado e disse: "Êste é o lugar".

Das realizações do povo que êle conduziu, e daqueles que seguiram em sucessivas ocasiões, muito foi escrito com justo valor. Sua imorredoura bravura e heroísmo têm sido e continuarão a ser um guia e uma luz encorajadora a todos que leram sua simples mas incomparável história. Os homens podem morrer, mas os princípios continuam a viver. Idealismo é sempre a fonte de inspiração e progresso.

Quais foram alguns dos fatôres que impulsionaram nossos pioneiros? Foi a fé em Deus como um Pai Amoroso que guia e sempre guiará através da inspiração, aquêles que O procuram com sinceridade; foi a defesa da liberdade de adoração a Deus como exige a consciência; foi a sublime confiança na liderança inspirada que ocasionou alguns quinze mil Santos dos Últimos Dias a procurarem refúgio nas planícies entre Nauvoo e Winter Quarters, no declínio de 1846, e virem estabelecer-se nos vales do oeste. Êsses pioneiros, homens e mulheres, ofereceram suas vidas pela manutenção da Grande Causa.

O trajeto dos Santos dos Últimos Dias de Nauvoo a Winter Quarters, e dalí para Lago Salgado, é um dos fatos de maior realce na história da colonização. Bancroft, o historiador, escreve:

"Não há paralelo na história do mundo desta migração para Nauvoo. Na antigüidade, o êxodo do Egito foi de uma terra pagã, de idólatras, para uma região fértil designada pelo Senhor para Seu povo escolhido da terra de Canaan. Recentemente, peregrinos fugindo para a América vieram de um povo hipócrita e despótico — um povo que tinha poucas pretensões com a liberdade civil ou religiosa. Foi êste mesmo povo, que fugiu das perseguições do Velho Mundo e que veio gozar a liberdade de consciência nas terras virgens da América, que estava agora perseguindo seus descendentes e associados que reclamavam o direito de diferir dêles na prática religiosa, precisando, entretanto, refugiar-se no oeste.

"Os Mormons foram conduzidos para bem longe da civilização, onde construiram a sua própria cidade; isto precisavam êles abandonar agora e entrarem pelas selvas, sujeitos a tudo, inclusive índios selvagens. Todos os vínculos do passado foram partidos. Êles eram tão pobres que suas maiores aspirações era ter o necessário para sobreviverem. Se alguma vez um sonho de confôrto ou luxo vislumbrava-lhes o espírito, sentiam-se tristes e enterravam logo aquêle sonho para que não mais os vexasse".

No dia vinte-e-quatro de julho de 1847, o que viram êles no Vale do Lago Salgado? Êles viram um deserto, ouviram o uivo do coiote, viram, à distância, fumaça produzida pelo fogo dos índios e o lago salgado, no oeste, refletindo o brilho do sol; mas, aparentemente, aquêle não era um lugar apropriado para estabelecerem seus lares. Nada era convidativo: na verdades, êles haviam sido prevenidos por homens que habitavam as montanhas que pouco haveria de crescer no vale.

Porém, o que vemos hoje? Lindas cidades e vilas florescendo, o clima modificado, seu fruto inegulável, substanciais e confortáveis lares por tôda a parte. A quem devemos tudo isso? À Divina Providência, aos pioneiros de 1847, e aos dos anos subseqüentes. Êles eram construtores, colonizadores, benfeitores, para a nossa nação, benfeitores para a humanidade.

O que teria em mente o Presidente Young quando disse: "Êste é o Lugar?"

Lendo os seus sermões, achamos que êle tinha em mente, primeiro a elocução profética do homem a quem amava, o Profeta Joseph Smith, que profetizou que os Santos haveriam de ir para o Oeste, construir cidades, e tornar-se um povo poderoso no meio das Montanhas Rochosas.

Segundo, quando aquêle grande líder proferiu a sentença: "Êste é o Lugar", êle tinha em mente que alí êles encontrariam um lugar de refúgio e paz.

Terceiro, êle tinha em mente que dêste centro irradiar-se-ia para todo o mundo a mensagem da verdade, tão longe quanto fôsse possível para aquêle pequeno território e aquêles que o seguiram declarariam aquela verdade ao mundo, para estabelecer-se a irmandade, paz, e, acima de tudo, fé em Deus, nosso Pai.

Quarto, êle tinha em mente estabelecer nesse lugar, a adoração, a indústria, a educação e serviço mútuos.

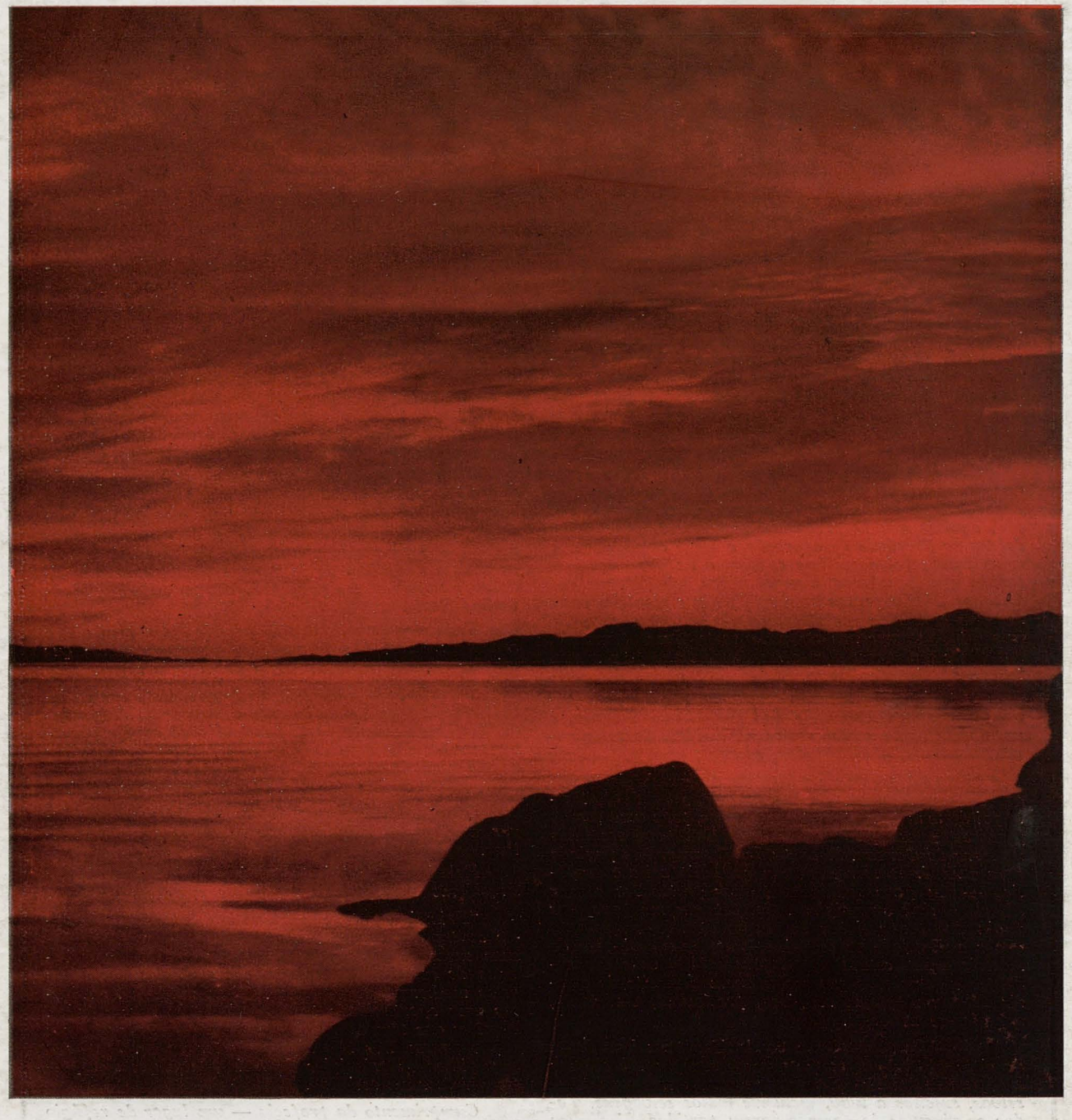
Relativamente à importância da educação, disse o Presidente Young, logo depois de entrarem no vale:

"Primeiramente, construam seu forte e projetam-se contra depredações. Logo que tenham construído suas casas de madeira, construam um número suficientes de salas para servirem como escolas, assistidas pelos melhores professores, e dêem a tôdas as crianças uma oportunidade para continuarem seus estudos. Aquêles que têm oportunidade de educar seus filhos e não o fazem, não são dignos de ter filhos. Ensine a seus filhos os princípios do Reino para que êles possam crescer em retidão".

Cumprimento da profecia — um lugar de refúgio e paz — um centro do qual irradiar-se-ia a mensagem da verdade — um lugar para estabelecer a verdadeira adoração, indústria, educação e trabalho — estas são algumas das conotações na mente de Brigham Young quando disse: "Êste é o Lugar".

A êstes intrépidos, amantes da inspiração da fé, da liberdade de adoração a Deus como exige a consciência, nós dedicamos um dia do ano em agradecida recordação:

"SALVE O VINTE-E-QUATRO DE JULHO!"



O grande Lago Salgado - Utah

PORTE PAGO

Devolver a
A LIAHONA
Caixa Postal, 862
São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada
dentro de 30 dias.